

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Curso de Teologia

ANDRÉ LUIZ BOTELHO FONSECA

**CONSUMISMO E PRÁXIS CRISTÃ:
UMA PERSPECTIVA TEOLÓGICA**

SÃO PAULO

2018

ANDRÉ LUIZ BOTELHO FONSECA

**CONSUMISMO E PRÁXIS CRISTÃ:
UMA PERSPECTIVA TEOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob orientação da Prof.^a Ms.^a Rosana Manzini.

SÃO PAULO

2018

RESUMO

Inicialmente este trabalho propõe apresentar a realidade global do consumismo, bem como algumas de suas implicações. A sociedade contemporânea está cada vez mais imersa em uma realidade de egoísmo e autossatisfação baseada no consumo, em suas mais diversas formas, desde os bens até mesmo as outras pessoas. Diante dessa realidade, a Teologia e, mais especificamente o cristianismo católico, pode lançar luz sobre o assunto a partir dos conteúdos de fé presentes nas Sagradas Escrituras, na Tradição e no Magistério, tendo como centro a figura de Jesus Cristo e seu projeto do Reino de Deus. Tais ensinamentos não ficam apenas no campo da teoria, mas são possíveis de aplicação por parte dos indivíduos que assim desejarem fazê-lo. Sendo assim, é proposta uma visão crítica da realidade auxiliando na compreensão do problema e de suas consequências, bem como apresentando possibilidades de como o ser humano pode, livremente, superar esse processo vicioso e iniciar sua caminhada em uma via virtuosa.

Palavras-chaves: consumismo, práxis cristã.

ABSTRACT

Initially this paper proposes to present the global reality of consumerism, as well as some of its implications. Contemporary society is increasingly immersed in a reality of selfishness and self-satisfaction based on consumption, in its most diverse forms, from goods to other people. Faced with this reality, Theology and, more specifically, Catholic Christianity, can shed light on the subject from the contents of faith present in Sacred Scripture, Tradition and Magisterium, having as a center the figure of Jesus Christ and his project of the Kingdom God's. Such teachings are not only in the field of theory, but are possible to apply by individuals who wish to do so. Thus, a critical view of reality is proposed, helping to understand the problem and its consequences, as well as presenting possibilities of how the human being can freely overcome this vicious process and begin his journey in a virtuous way.

Palavras-chaves: consumerism, christian praxis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. O Consumismo e suas implicações sociais.....	8
1.1 Consumo × consumismo.....	8
1.2 Consumismo e produção	12
1.3 Consumismo e globalização	15
1.4 Consumismo e vício.....	19
1.5 Consumismo e <i>marketing</i>	22
1.6 O consumismo na atualidade.....	25
2. Práxis Cristã e consumismo	27
2.1 Sagrada Escritura e consumismo	27
2.1.1 Antigo Testamento.....	28
2.1.2 Novo Testamento.....	30
2.2 Jesus Cristo e o consumismo	32
2.3 Tradição e consumismo	35
2.4 Magistério e consumismo	37
2.5 Práxis cristã, à luz da fé, em uma sociedade de consumo	41
3. A <i>Via Virtuosa</i> : práxis cristã como possibilidade de superação do consumismo...	45
3.1 O discernimento como possibilidade de superação do consumismo	46
3.2 O seguimento de Jesus como possibilidade de superação do consumismo ...	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
BIBLIOGRAFIA	63

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título “Consumismo e Práxis Cristã: uma perspectiva teológica”. Ao abordarmos essa questão problemática e atual, buscamos estar em sintonia com o Magistério recente e, dessa forma, colaborar de maneira ativa tanto com a reflexão quanto na busca de possíveis caminhos de solução para o problema.

Apesar de ter um enfoque cristão, já que abordaremos como deveria ser a práxis de um cristão diante de uma realidade de Consumismo, acreditamos na possibilidade de uma contribuição “*extra muros*”, ou seja, cremos que esta pesquisa também pode colaborar com crentes de outras denominações religiosas (cristãs ou não) ou, ainda, não crentes.

O teólogo não é aquele que reflete simplesmente a respeito da fé, como um objeto isolado e puramente irracional, ao contrário é necessário refletir racionalmente a respeito dela¹ para se fazer teologia. Quando se ama aquilo que crê é impossível não se deter sobre o elemento amado, conforme diz Santo Tomás: “O amante não se contenta com a apreensão superficial do amado. Mas antes é levado a refletir no seu interior cada coisa que concerne ao amado”².

O tema da presente pesquisa foi escolhido justamente por sua relevância no cenário atual. Há o risco de que ele não seja considerado como relevante ou adequado para uma reflexão teológica, porém, o teólogo tem Deus como seu objeto; sendo Deus o elemento determinante de toda a realidade³, todo tema é abarcado nele e passível de reflexão, a partir de tal perspectiva.

Buscamos, assim, lançar luzes sobre a problemática do consumismo e como poderia ser a práxis do indivíduo à luz da fé no Deus judaico-cristão que se revela nas Sagradas Escrituras, mas, em níveis diferentes, também guia seus fiéis por meio da Tradição e do Magistério, formando assim o tripé da fé cristã Católica Apostólica Romana.

Nosso objetivo, em linhas gerais, é de apresentar a realidade, apresentar os paradigmas teológicos que temos em relação a isso, analisar tais elementos à luz da

¹ BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 27.

² TOMÁS de Aquino. apud *Ibidem*, p. 26.

³ *Ibidem*, p. 43.

fé cristã e, por fim, propor um caminho possível que auxilie no equilíbrio existencial daqueles indivíduos que se encontram imersos neste círculo vicioso.

O indivíduo que busca sinceramente o caminho revelado pelo Criador se depara com questões diversas daquelas em que, por exemplo, Jesus vivenciou. Dessa forma, as questões atuais se tornam difíceis de obterem “respostas prontas”.

Optamos por construir a pesquisa objetivando um caminho lógico. Desejamos que, ao “partir da realidade” possamos evitar um trabalho unicamente teórico, abstrato e a-histórico. Contudo tomamos o devido cuidado para que não se tornasse uma reflexão antropocêntrica que, a nosso ver, não corresponde ao objetivo geral de um trabalho de pesquisa em Teologia.

Nosso intento é refletir a respeito daquilo que Deus, por meio de sua Palavra Revelada, juntamente com o Magistério e os Santos Padres (Tradição), pode nos dizer em relação ao consumismo, considerado um problema contemporâneo prático e que pode atingir pessoas, crentes ou não, em qualquer parte do mundo, seja em maior ou menor intensidade.

1. O Consumismo e suas implicações sociais

Para compreender mais profundamente como se dão as implicações relativas ao consumismo, inicialmente, abordaremos alguns elementos basilares visando, dessa maneira, criar subsídios suficientes para a reta e apropriada assimilação do estudo realizado.

Julgamos importante ressaltar que este capítulo tem duplo caráter: expositivo e analítico. Sendo assim, servirá primariamente a nós como ponto de partida e embasamento para toda a reflexão teológica desenvolvida nos capítulos 2 e 3.

Nosso objetivo neste momento é mostrar quais fatores históricos influenciaram e a situação global em relação ao consumismo, bem como suas implicações sociais; pontos que despertam em nós diversas inquietações a seu respeito.

Ao longo do capítulo veremos quais as possíveis raízes do consumismo, bem como seu provável desenvolvimento e suas nefastas consequências para a sociedade contemporânea e para o planeta de maneira geral.

Se, por um lado, ninguém consegue viver sem consumir, por outro há aqueles que simplesmente fazem do consumo sua razão de viver e isso é reflexo de diversos elementos resultantes de fatores históricos, culturais e até bioquímicos, que exercem sua influência de maneiras diferentes, mas que ao se somarem compõem um cenário difícil de ser ignorado.

Com esse capítulo, pretendemos, ainda que de forma rápida, deixar clara a conjuntura sobre a qual desenvolveremos as reflexões teológicas seguintes, pois, ao compreendermos melhor o círculo vicioso, poderemos lançar luz para uma possível superação.

1.1 Consumo × consumismo

Primeiramente, distinguiremos, ainda que de forma breve, consumo de consumismo. Mesmo que não haja um consenso em torno do conceito de consumo⁴,

⁴ O QUE é consumo? Congresso internacional de comunicação e consumo. p. 1.

em linhas gerais podemos compreender consumo como a “utilização, aplicação, uso ou gasto de um bem ou serviço por um indivíduo ou uma empresa”⁵.

Embora as relações envolvendo empresas (*consumo produtivo*) também possam ser consideradas como consumo, nosso enfoque neste trabalho será nas relações e implicações relativas às *unidades de consumo*, ou seja, grupos familiares e indivíduos.

O consumo, hoje, é algo praticado pela maioria das pessoas, já que um índice muito pequeno de indivíduos sobrevive unicamente pelo extrativismo, plantio e criação de animais exclusivamente para si. E mesmo que um sujeito opte pelo escambo⁶ daquilo que produz ou extrai da natureza, ainda assim não deixa de ser uma forma de consumo.

Sendo assim, podemos dizer que é até possível alguém sobreviver sem produzir bens, vivendo, por exemplo, do extrativismo, mas não (ou dificilmente) sem consumir, já que “estamos submetidos às culturas do consumo material midiático e simbólico”⁷ o tempo todo, cultura essa que provoca desejos que vão além das necessidades reais que as pessoas têm.

Um ponto importante a ser destacado é que o consumo não se configura como algo negativo *de per si*. O consumo teve um papel extremamente importante na história da humanidade, por exemplo, entre os séculos XV e XVI, no período das grandes navegações e da criação das rotas de comércio, diversas culturas começaram a se abrir para toda a humanidade e, assim, construíram pontes e comunicaram seus valores de forma positiva. Isso só foi possível por haver uma demanda por aqueles produtos “exóticos” vindos de terras distantes.

O consumo, em linhas gerais, visa a sobrevivência e o bem-estar dos indivíduos, suprimindo suas necessidades desde as mais básicas até as mais complexas de tal forma que o homem se sinta bem e razoavelmente satisfeito, na medida do possível. Todavia, percebemos que existem diversas formas de consumir ou classificar o consumo, como o consumo essencial, consumo coletivo, consumo

⁵ SANDRONI, Paulo. (Org.). **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1999. p. 126.

⁶ Escambo é a “troca de bens e serviços sem a intermediação do dinheiro”. Um exemplo histórico de escambo ocorreu assim que os navegadores portugueses chegaram no território brasileiro; os europeus trocavam a mão de obra indígena, que cortava e deixava o pau-brasil nas praias para serem coletados, por “facas, espelhos e outras bugigangas” fabricadas na Europa. Cf. SANDRONI, 1999. p. 211.

⁷ **O QUE é consumo?** Congresso internacional de comunicação e consumo. p. 1.

sustentável, etc. Abordaremos uma dessas formas de consumir que podemos classificar como *consumismo*.

Referente ao consumismo, *a priori*, percebemos que a sua origem exata é algo impreciso. Salvas as devidas proporções, é possível que esse processo tenha tido seu início, ainda que de forma muito discreta, já nas cortes do período medieval por meio da busca pelo luxo e pela ostentação no estilo de vida por parte dos membros da corte, algo que podemos chamar de *consumo conspícuo*, ou seja, o consumo que visa unicamente a demonstração da condição social do indivíduo⁸.

Tais costumes foram, aos poucos, como que se espalhando gradativamente entre as camadas menos abastadas da população⁹ que tentavam imitar aqueles membros da nobreza buscando igualmente “satisfazer necessidades físicas ou espirituais através do consumo, fim último da aquisição”¹⁰ de bens e/ou serviços profanos e/ou sacros.

Aqui, pressupomos ser igualmente necessário citar também o consumo que havia daquilo que era considerado sacro, pois era comum a prática da simonia¹¹, que não deixava de ser um tipo de comércio, porém, dos bens sacros.

Outro fato histórico determinante, que podemos destacar, é a Revolução Industrial que se iniciou no século XVIII na Inglaterra, influenciando profundamente toda a estrutura sócio-político-econômica daquele período.

Mesmo o sistema capitalista¹² que, até esse momento, era pouco desenvolvido, passa a ter uma nova guinada, dando início ao liberalismo econômico

⁸ SANDRONI, 1999. p. 126.

⁹ TASCHNER, Gisela. **Raízes da cultura do consumo**. p. 29.

¹⁰ Ibidem, p. 30.

¹¹ “É uma forma particular de sacrilégio real, que consiste no comércio ilícito de bens espirituais ou bens relacionados a eles. Inclui em seu conceito não apenas os acordos ilícitos por direito divino, mas também os proibidos pelo direito eclesiástico [...]” Cf. ROBERTI, Francesco. **Diccionario de teologia moral**. Barcelona: Editorial Liturgica Española, 1960. p. 1169.

¹² “Sistema econômico e social predominante na maioria dos países industrializados ou em fase de industrialização. Neles, a economia baseia-se na separação entre trabalhadores juridicamente livres, que dispõem apenas da força de trabalho e a vendem em troca de salário, e capitalistas, os quais são proprietários dos meios de produção e contratam os trabalhadores para produzir mercadorias (bens dirigidos para o mercado) visando à obtenção de lucro. [...] Em sua origem está o empobrecimento da nobreza europeia, devido aos gastos com as cruzadas e à fuga dos camponeses para as cidades (burgos). A partir do século XIII, [...] os burgueses passaram a enriquecer, criando bancos e dedicando-se ao comércio em maior escala, primeiro na própria Europa e depois no resto do mundo. Além disso, em vez de apenas comprar os produtos dos artesãos para revendê-los, passaram a criar manufaturas e a contratar artesãos para produzi-las, substituindo o antigo vínculo de servidão feudal pelo contrato salarial. Aumentaram as oportunidades de trabalho, o volume de dinheiro e o mercado de consumo, tornando-se necessárias a ampliação e a proliferação das manufaturas. Nos séculos XVIII e XIX, esse processo provocou, especialmente na Inglaterra, a Revolução Industrial, com a mecanização das fábricas. A par da

que, em linhas gerais, defendia maior liberdade para a iniciativa privada (fábricas e empresas, por exemplo) e menor controle e intervenção por parte do Estado que, segundo seus defensores, restringia as possibilidades de crescimento. Além disso, esse sistema defendia uma maior liberdade para a própria economia, deixando para o próprio Mercado chegar espontaneamente em seu ponto de equilíbrio entre a oferta e a demanda de cada produto, ou seja, criando o chamado *Livre Mercado*.

Se até então o modo de produção, ou seja, a maneira com que os bens eram desenvolvidos e produzidos era artesanal, lento, dispendioso e sem padronização, no período Moderno esse cenário se modifica. Com o avanço tecnológico a produção se torna mais rápida, barata, padronizada e “acessível” para uma parcela maior da população, conseqüentemente, facilitando o aumento do consumo daquilo que era, até então, reservado a poucas pessoas.

Também o mercado externo se abriu particularmente para esse novo tipo de produção, afinal o transporte se tornou muito mais rápido e eficiente com a criação das máquinas de força a vapor, aplicadas no desenvolvimento de locomotivas e navios a vapor.

Já o consumismo está diretamente ligado ao que podemos chamar de bens supérfluos, ou seja, aquilo que não é essencial para a sobrevivência; bem como à possibilidade de consumo ilimitado de bens¹³ duráveis¹⁴ e, além disso, é utilizado como “um instrumento de diferenciação, de classificação e de distinção”¹⁵ de cada indivíduo dentro da sociedade.

Segundo Tachner, a “sua base está, antes de tudo, em uma corrida pelo prestígio, que seria infinita porque [é] impossível de se saciar, uma vez que o

formação dos estados nacionais, também a Reforma, a Revolução Puritana e a Revolução Francesa foram marcos importantes na luta da burguesia para a conquista do poder político, que havia pertencido à nobreza durante a Idade Média. No século XIX, o capitalismo apresentava-se definitivamente estruturado, com os industriais e banqueiros centralizando as decisões econômicas e políticas, e os comerciantes atuando como seus intermediários. No final do século, acentuavam-se as tendências à concentração, com cartéis, trustes e monopólios, o que, no século XX, resultaria na formação de gigantescas empresas multinacionais. [...]” Cf. SANDRONI, 1999. p. 80-81.

¹³ SANDRONI, 1999. p. 570.

¹⁴ Bens duráveis são “bens de consumo que prestam serviço durante um período de tempo relativamente longo, como uma máquina de lavar roupa ou um automóvel. Diferem dos bens de consumo não duráveis, como os alimentos, que são usados uma única vez. Além dessa diferença intrínseca, os bens de consumo duráveis diferem dos não duráveis pelo fato de que sua comercialização está sujeita a oscilações muito maiores, devido a modismos, à situação econômica geral e a outras influências.” Cf. SANDRONI, 1999. p. 51.

¹⁵ CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. *American way of life*: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. p. 16.

resultado depende sempre de uma comparação entre quem tem mais e quem tem menos bens”¹⁶.

Atualmente poderíamos chamar esse “prestígio” de *status social*, algo mantido por meio de um padrão de consumo muitas vezes elevado e extravagante, visando um destaque diante dos demais membros da sociedade ou de uma determinada classe social que o indivíduo já pertença ou queira vir a pertencer.

Na visão do sociólogo polonês Zygmunt Bauman,

[...] o consumismo, em aguda oposição às formas de vida precedentes, associa a felicidade não tanto à satisfação de necessidades (como suas “versões oficiais” tendem a deixar implícito), mas a um *volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes*, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la.¹⁷

É igualmente importante ressaltar que ao falarmos de consumismo, podemos falar também de uma cultura de consumo ou consumista, a qual podemos entender como um

modo peculiar pelo qual os membros de uma sociedade de consumidores pensam em seus comportamentos ou pelo qual se comportam “de forma irrefletida” – ou, em outras palavras, sem pensar no que consideram ser seu objetivo de vida e o que acreditam ser os meios corretos de alcançá-lo, sobre como separam as coisas e os atos relevantes para esse fim das coisas e atos que descartam como irrelevantes, acerca de o que os excita e o que os deixa sem entusiasmo ou indiferentes, o que os atrai e o que os repele, o que os estimula a agir e o que incita a fugir, o que desejam, o que temem e em que ponto temores e desejos se equilibram mutuamente [...].¹⁸

1.2 Consumismo e produção

Como falamos anteriormente, o processo iniciado com a Revolução Industrial inglesa aumentou consideravelmente a produção e diminuiu os custos relativos a ela, porém, para que isso se convertesse em lucro para os donos das fábricas, alguém precisaria consumir, adquirindo aqueles produtos.

¹⁶ TASCHNER, Gisela. **Raízes da cultura do consumo**. p. 31.

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 44.

¹⁸ Ibidem, p. 70.

Esse é um momento histórico muito complexo, já que grande parte da mão de obra humana foi substituída por máquinas de produção em larga escala (mão de obra mecanizada e de baixo custo, que não precisava se alimentar, descansar, receber salários, etc.), e a vida das pessoas ficou resumida a cortiços insalubres ou a jornadas de trabalho exaustivas, que incluíam, muitas vezes, até mão de obra infantil.

Inicialmente, para se ter ideia, os primeiros teares mecânicos movidos a energia a vapor chegavam a produzir até 20 vezes mais que a versão de trabalho manual e as primeiras versões das máquinas de fiar, que trabalhavam o algodão e a lã transformando em fios, eram até 200 vezes mais eficientes do que as rocas manuais. Diante de tais resultados, em um curto espaço de tempo, a revolução iniciada na Inglaterra se espalhou para outros países da Europa, como a Bélgica, a Holanda e a França.

Em contrapartida à substituição dos homens nas frentes de trabalho houve um barateamento muito grande dos produtos que, até então, eram mais difíceis de serem adquiridos pelas camadas menos abastadas da sociedade.

Todavia, o que queremos destacar aqui é que, ainda que com todas as dificuldades, era preciso que alguma camada social absorvesse aquilo que era produzido. Com a produção em larga escala, as camadas mais prósperas não teriam como absorver completamente as mercadorias. Neste momento, aquele desejo que se iniciou lá nas “cortes europeias, se difundiria [mais fortemente] por outras camadas sociais, auxiliado por [esses] novos acontecimentos”¹⁹.

Incentivar as pessoas a consumirem os novos produtos foi a forma com que as empresas encontraram de sempre aumentar a demanda por seus bens produzidos. Se antes uma parcela da sociedade vivia com produtos simples, agora começa a luta para criar nessas pessoas a necessidade de consumir aqueles itens novos, mesmo que elas não precisassem realmente daquilo que lhes era ofertado, afinal,

novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos; o advento do consumismo inaugura uma era de “obsolescência embutida” dos bens oferecidos

¹⁹ TASCHNER, Gisela. **Raízes da cultura do consumo**. p. 43.

no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria da remoção do lixo.²⁰

Foi muito posteriormente que

[...] uns poucos empregadores [do início do Século XX] compreenderam que o trabalhador [também] poderia ser útil ao capitalista como consumidor; que ele precisava ser imbuído de um gosto por coisas mais elevadas; que uma economia baseada na produção de massa exigia não somente uma organização do consumo e da produção; mas também a organização do consumo e do lazer.²¹

O consumo é, na verdade, “o objetivo e a fase final do processo produtivo [de uma indústria]. Precedido pelas etapas de fabricação, embalagem, distribuição e comercialização”²².

Se no período da Revolução Industrial houve uma rápida expansão da produção, tão rápida quanto a expansão foi a compreensão de que seria necessário se adaptar para atender às necessidades dos consumidores que poderiam variar de acordo com idade, sexo, escolaridade, renda, etc.

Existem três maneiras de se conhecer essas necessidades dos consumidores e, dessa forma, ajustar a produção:

Uma consiste no processo de tentativa e erro: na busca para conhecer as aspirações e desejos do consumidor, aumenta-se a produção do que se mostra escasso e diminui-se a produção daquilo que se revela supérfluo [abundante]. É viável quando as dimensões do mercado são pequenas e as necessidades dos consumidores bastante limitadas e estáveis. A segunda maneira de ajuste entre produção e consumo consiste no planejamento antecipado da produção, dimensionando-a assim à capacidade do mercado. É um método característico das economias planificadas, como a socialista, em que não ocorre a oferta de ampla variedade de formas diferentes do mesmo produto. Por último, existe a prática mercadológica típica da sociedade capitalista moderna ou sociedade de consumo: levar o consumidor, mediante a máquina publicitária e todas as técnicas de

²⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 45.

²¹ LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 101. apud CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life**: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. p. 31.

²² SANDRONI, 1999. p. 126.

marketing, a sentir necessidade de consumir aquilo que é produzido.²³

1.3 Consumismo e globalização

O mundo não é mais o mesmo de duzentos anos atrás e, quanto a isso, não há dúvidas, afinal, grandes mudanças políticas, sociais, geográficas, etc. ocorreram e uma delas foi justamente o “encurtamento” do mundo, que podemos apontar como uma das características mais marcantes da globalização. Fenômeno esse que, de certa maneira, transformou nosso planeta em uma “aldeia global”. Essa expressão significa que tudo e todos, a partir de então, estão tão próximos e ligados como se habitássemos uma daquelas pequenas aldeias interioranas.

Delimitar a raiz da globalização não é fácil, pois ela não é fruto de um fato isolado, mas de um processo que se iniciou já com as grandes navegações do século XV e XVI, onde diversos povos começaram a se “conectar”, trocando produtos e elementos culturais que, até então, eram praticamente inacessíveis.

Além do mais, houve uma modificação significativa em toda a geografia mundial, já que as nações pioneiras nessas investidas comerciais começaram a anexar novas terras que, aos poucos, foram sendo “descobertas”, formando colônias e, conseqüentemente, criando novos mercados consumidores para seus produtos.

Segundo Sandroni, podemos compreender a globalização como sendo “o fim das economias nacionais e a integração cada vez maior dos mercados, dos meios de comunicação e dos transportes”²⁴, ou seja, atualmente não há mais um Estado que possa olhar unicamente para si, tampouco empresas que ignorem aquilo que acontece no restante do mundo e tenham a pretensão de “sobreviver” de forma isolada do restante. Todos estão conectados e problemas ou acontecimentos em qualquer parte do planeta podem representar uma oportunidade ou uma preocupação.

Não é de se espantar que mesmo o consumo da população global, em linhas gerais, tenha se transformado a partir dessa realidade tão nova e, ao mesmo tempo, tão forte que se estabeleceu. Além disso, o processo globalizatório carrega consigo uma forte disseminação de valores, culturas, ideias e hábitos, inclusive relativos ao

²³ SANDRONI, 1999. p. 126.

²⁴ Ibidem, p. 265.

consumo, proveniente daqueles países que possuem uma maior influência (países desenvolvidos) sobre aqueles mais vulneráveis (países subdesenvolvidos), ou seja, os poderes econômicos e políticos passam a reforçar essa influência, afinal esses dois elementos estão intrinsecamente ligados.

Dentro desse cenário tão complexo, em que fatores históricos, econômicos, políticos, religiosos, etc. se tocam de alguma maneira, podemos destacar a influência estadunidense que cresceu principalmente a partir do período pós Segunda Grande Guerra Mundial, no qual os Estados Unidos assumem para si a ideia de cumprir o papel de “modelo” de nação bem-sucedida e evoluída.

Segundo Melandri, os Estados Unidos, ao alcançarem o ápice de destaque dentro desse contexto, se

[...] convenceu da importância do seu papel de libertadores da humanidade e a expansão do seu sistema econômico e social [que parecia] dar razão ao juízo de todos aqueles que tinham feito fé no valor inigualável da democracia liberal. No período 1945-1960, [...] todo mundo “ocidental” [olhava] com inveja o *American way of life* cujo conforto e abundância [concretizariam] o sucesso da experiência nacional.²⁵

Esse estilo de vida estadunidense, abundante e confortável, chamado de *American way of life*, acabou exercendo grande influência sobre as demais nações, modificando o modo de vida e de consumo e criando “um modelo padronizado de vida, idealizado, onde há espaço para quem trabalha e quem quer progredir, usufruindo de todas as vantagens advindas da modernidade, especialmente em termos de bens de consumo”²⁶.

Essa realidade não foi diferente no Brasil, pois

[...] a influência cultural norte-americana tem no cinema e na música suas principais portas de entrada por aqui. O prestígio dos Estados Unidos aumenta no Brasil ao mesmo tempo em que decresce a influência europeia. O *American way of life* torna-se invejável entre as classes médias brasileiras.²⁷

²⁵ MELANDRI, Pierre. História dos Estados Unidos desde 1865. 2. ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2006. p. 147. apud CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. *American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950*. p. 47.

²⁶ CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. *O cinema musical norte-americano: história, gênero e estratégias da indústria do entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2012. p. 76.

²⁷ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 10. apud CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. *American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950*. p. 69.

Poderíamos dizer que, por meio de tudo isso se começou a criar uma ideia de “terra prometida” para a qual todos deveriam seguir para viver adequadamente. Além disso, o “estilo de vida definido como *American way of life* passou a simbolizar [também] uma forma de viver e de traduzir valores que mantém [uma] íntima relação com o consumo”²⁸.

Todavia, é muito provável que essa imagem não passasse de uma miragem, afinal as

Pessoas encontravam-se envolvidas em um mundo novo, sedutor, real, progressista, que se transformava mais e mais a cada momento e que, ao mesmo tempo, não conseguia sustentar todas as promessas feitas anteriormente por ele, como uma universalização do progresso e de todos os indivíduos.²⁹

O *modus operandi* do projeto de consumismo, baseado em um estilo de vida fundamentado no *ter*, se baseia na atitude impulsiva, pois

Além de ser um excesso e um desperdício econômico, o consumismo também é, por essa razão, uma *economia do engano*. Ele aposta na *irracionalidade* dos consumidores, e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas; estimula *emoções consumistas* e não cultiva a *razão*. [...] ³⁰

Além do que, como afirma Cunha,

[...] a *mediatização* da vida cotidiana ampliava o consumo de informações e de referências, algumas imagens passaram a circular com mais consistência, compondo tanto para o cidadão norte-americano, como para o mundo ocidental – agora sob sua influência –, um modelo de vida a ser seguido. Este modelo, capaz de dialogar com extremos e diferentes perfis, tanto educava seu povo, como catequizava outros povos. Sua ancoragem se dava pela comprovação de sua assertividade – os Estados Unidos eram uma potência que prosperava. Era positivo ser americano. Ainda mais se este modo de viver também projetasse a promessa de progresso e sua materialização através de bens de consumo, de conforto e de entretenimento. O possuir era um importante sinalizador de um estilo de vida considerado vitorioso, feliz e promissor. E a base a ser

²⁸ CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. ***American way of life***: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. p. 20.

²⁹ CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **O *American way of life* e a ideia de homem médio norte-americano**: a mediação através do traço de Norman Rockwell e das lentes de Frank Capra. p. 3.

³⁰ BAUMAN, 2008. p. 65.

seguida estaria na essência da composição daquela sociedade – seus valores e sua forma de viver –, seja por suas características fundantes como por aquelas introduzidas no bojo da vida moderna.³¹

Diante desse cenário é possível perceber que “toda a ação produtiva e consumista tem como alvo o indivíduo, e não o grupo social.”³²

Contudo, cabe salientar que “no cenário atual, o *ter* tende a sobrepor o *ser*, caracterizando as relações de consumo em ser aquilo que têm, demonstrando claramente a alienação atual diante da sobreposição da posse à existência”.³³

Esse projeto que se intensificou a partir da segunda metade do século XX, principalmente com a implantação da chamada Doutrina Truman no período da Guerra Fria, mas também com todo o aparato midiático, que promovia largamente o “prazer” de consumir como algo característico de sua cultura foi se espalhando conforme sua influência aumentava e sua cultura embebia outras nações consideradas “frágeis” dentro do eixo dos adeptos do sistema capitalista em contrapartida aos países do eixo comunista liderados pela então União Soviética.

Todavia, dentro desse processo há outro elemento que vale a pena ser citado, ainda que brevemente:

a “educação” para o consumo, que será realizada em grande parte pelas lojas de departamentos, surgidas na sociedade burguesa do século XIX, após a revolução industrial e que se tornaram as grandes responsáveis pela associação do consumo ao lazer, ao prazer, ao lúdico, e pelo desenvolvimento de técnicas cada vez mais eficazes de sedução do consumidor.³⁴

De modo geral esse estilo de vida favoreceu as grandes corporações multinacionais e transnacionais que ajudaram na fixação dessa ideia de uma felicidade diretamente ligada ao consumo.

Podemos dizer que esses tipos de empresas foram os principais agentes do processo de globalização, pois se alocam em qualquer parte do mundo onde seja mais vantajoso, seja pela matéria-prima, pela abundância de mão de obra, pela localização do mercado consumidor, etc.

³¹ CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life**: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. p. 67.

³² SANDRONI, 1999. p. 570.

³³ SILVA, Lorena Bandeira da. **Sobre o Consumo e o Consumismo**: a consumação do vazio. p. 81.

³⁴ TASCHNER, Gisela. **Raízes da cultura do consumo**. p. 43.

1.4 Consumismo e vício

Como vimos, diversos fatores influenciaram a formação da cultura mundial ao longo das últimas décadas, colocando uma ênfase demasiada em como as pessoas devem viver. Tal ação acabou fazendo com que a felicidade, as relações e a “forma adequada” de se viver se tornassem intimamente relacionadas à maneira com que se consome.

Por conseguinte, “é possível dizer que o consumismo surge como [um] meio de construção de identidades, em que tanto mais poder os objetos adquirem quanto mais o interior está esvaziado e exteriorizado”³⁵, ou seja, quanto mais se busca uma adequação social àquilo que é considerado majoritariamente desejável, padronizando a maneira com que as pessoas vivem, pensam, se comportam, sentem, reagem, etc. menor será a individualidade, perdendo-se a própria essência do indivíduo em nome dessa “padronização”.

As consequências disso são preocupantes, pois quando as pessoas se tornam tão impregnadas desse desejo por possuir ou consumir algo, elas até mesmo se dispõem a cometer crimes, ou, ao menos, deixar de lado a ética em nome do “ter”; por exemplo, pessoas que comprem objetos roubados, tendo plena consciência de que sua origem é ilícita, mas a possibilidade de ter aquilo é tão forte que a ética é ignorada.

Quando observamos as novas gerações, devemos refletir igualmente a respeito de como esses novos valores estão exercendo influência na formação do seu caráter, na construção de quem eles são enquanto indivíduos em formação e como isso formará seu caráter enquanto adultos que terão responsabilidades e posturas que exigirão uma base sólida.

É na adolescência, quando muitas vezes aquilo que se tem ou veste determina em qual grupo social ele fará parte, que os adolescentes têm acesso a muitos desses dilemas éticos em relação ao que consomem, afinal

As “embalagens” [...] servem de apresentação identitária e reconhecimento social, e a comparação, em um contexto de

³⁵ CONTE, Marta et al. **Consumismo, Uso de Drogas e Criminalidade**: riscos e responsabilidades. p. 97.

extremas desigualdades, incita a busca por incluir-se socialmente de forma individual e dispara dispositivos de atalho na via da mobilidade social.³⁶

É perceptível que “hoje os indivíduos [das mais variadas faixas etárias e situações socioeconômicas] reconhecem-se e sentem-se bem interiormente quando cobertos de objetos e marcas, através dos quais conseguem se ver e se identificar, como se estivessem reduzidos a uma embalagem [...]”³⁷

É importante destacar também que o cérebro humano tem como função primária e instintiva garantir a sobrevivência do indivíduo e isso se mostra necessário para garantir a continuidade da espécie em momentos e situações de extrema dificuldade, como guerras, fomes, pragas.

Todavia essa não é a realidade da maior parte das pessoas nas grandes cidades, já que é possível sanar suas necessidades básicas de água e comida, ainda que hipercalórica e de má qualidade, com certa facilidade, tendo à mão aquilo que se deseja em supermercados.

A evolução tecnológica no setor alimentício garante, inclusive, que os alimentos sejam os mais atrativos quanto possível, ainda que não sejam exatamente saudáveis, afinal diversas pesquisas apontam que se ingerem quantidades um tanto quanto absurdas de agrotóxicos e outros tantos produtos químicos utilizados no cultivo dos alimentos.

Diante disso, agora o cérebro se volta para a busca por prazer e satisfação, com aquilo que não é exatamente necessário para a sobrevivência e o bem-estar, mas pode ser considerado secundário ou supérfluo. Uma ação que não necessariamente segue uma lógica racional.

Essa busca por prazer e satisfação pode até ser considerada como “normal” para uma parcela das pessoas, mas em outros se desenvolve uma verdadeira disfunção, que evolui para um sério descontrole desses impulsos na busca pelo prazer, configurando-se como um vício. Os vícios se manifestam de diversas maneiras, não necessariamente envolvendo toxinas.

Existem diversos tipos de compulsões: por comida, álcool, estimulantes, entorpecentes, pornografia, sexo, compras, jogos,

³⁶ CONTE, Marta et al. **Consumismo, Uso de Drogas e Criminalidade**: riscos e responsabilidades. p. 97.

³⁷ Ibidem. p. 97.

internet. [...] Até pouco tempo atrás, a palavra vício costumava ser utilizada para designar a dependência que determinadas pessoas apresentavam de substâncias externas, popularmente denominadas drogas. Hoje, sabemos que situações prazerosas também são capazes de viciar os indivíduos que apresentam determinados comportamentos. Dessa maneira, tanto substâncias químicas quanto certas ações ou comportamentos possuem a mesma capacidade de produzir desejos (pensamentos) obsessivos, tolerância aumentada – precisa aumentar a “dose” cada vez mais para sentir o mesmo prazer - e síndrome de abstinência. Em suma: ambos podem igualmente gerar dependência.³⁸

Não podemos deixar de salientar que há níveis considerados normais e saudáveis para a maior parte de tudo isso. Porém quando o ser humano está em desequilíbrio e o desejo já não é algo saudável e produtivo, é um sinal de que até a área responsável pelo sistema de recompensa no cérebro pode estar, de alguma maneira, corrompida.

O cérebro humano é formado por inúmeras áreas responsáveis pelas nossas sensações e em relação à satisfação e ao prazer não seria diferente. As diversas articulações que envolvem desde a noção de agradável ou desagradável até a memorização de uma experiência estão intimamente ligadas ao sistema de recompensa do cérebro.

Com as pessoas que estão em desequilíbrio, se estabelece quase que uma programação cerebral para optar pelo prazer momentâneo e ilusório do “ter” e isso também está relacionado às substâncias responsáveis pelo prazer e pelo sentimento de “recompensa” que são produzidas e deixam o indivíduo cego e sempre desejoso de mais e mais daquilo que produziu aquela sensação tão potente que reflete por todo o corpo do indivíduo, potencializando as experiências relacionadas ao vício.

Como em um dependente de alguma substância química, aos poucos o organismo vai se tornando mais e mais resistente às cargas bioquímicas desencadeadas pela experiência do consumo, ao ponto de se tornar resistente, ocasionando a necessidade de aumentar as ocorrências para que se volte a sentir o prazer na mesma intensidade com que havia no início daquelas primeiras compras compulsivas, por exemplo³⁹.

³⁸ SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes consumistas:** do consumismo à compulsão por compras. São Paulo: Principium Editorial, 2014. p. 106.

³⁹ Ibidem, p. 108.

Todavia, ao olharmos para a sociedade contemporânea, não há dúvidas de que

As toxicomanias, com ou sem drogas (dependência ao sexo, compras, jogo, amor, entre outras), são figuras do nosso tempo, expressão de uma saída pela fascinação em relação aos objetos de consumo. A droga, para o toxicômano, é o encontro, a escolha de um objeto 'adequado' que teria a facilidade de estar ao alcance da mão, ou seja, também pode ser compreendida como um atalho para a felicidade. É uma espécie de metáfora de todos os objetos, que transferiria seu poder designando um valor subjetivo [...]. Nessas circunstâncias, a ideia de felicidade vinculada a um imperativo de gozo torna-se um dever e efeito da globalização.⁴⁰

1.5 Consumismo e *marketing*

Ainda que dentro do processo de desequilíbrio do consumismo haja um fator bioquímico, bem como fatores históricos, culturais e éticos, não podemos esquecer que também há diversas forças do próprio mercado, em linhas gerais, que buscam produzir ou acentuar esse desejo de consumo nas pessoas, sendo assim “se deve aceitar que o verdadeiro detentor do poder soberano na sociedade de consumidores é o mercado de bens de consumo”⁴¹ e não os próprios consumidores. Além disso,

A oferta do mercado, longe de dar acesso aos desejos, é ouvida como uma ordem irrefutável, um dever a consumir que torna as mercadorias objetos persecutórios, como se eles tivessem o poder de escolher seus usuários, de possuí-los, ocorrendo a inversão - um objeto para um sujeito.⁴²

Ao relacionar o consumo com a felicidade é evidente que há uma tentativa de preencher nas pessoas algo que falta nelas, a essa ausência podemos chamar de vazio existencial, tornando o ato de consumir concretamente em um estilo de vida, uma razão de viver,⁴³ em que o ser humano busca preencher-se por meio daquilo que consome.

A sociedade tem se transformado e seus membros acompanham esse movimento. O círculo vicioso composto pelo desejo que é suprido na mesma

⁴⁰ CONTE, Marta et al. **Consumismo, Uso de Drogas e Criminalidade: riscos e responsabilidades.** p. 98.

⁴¹ BAUMAN, 2008. p. 85.

⁴² CONTE, op. cit., p. 98.

⁴³ SILVA, Lorena Bandeira da. **Sobre o Consumo e o Consumismo: a consumação do vazio.** p. 82.

velocidade com que ele surge, está transformando o modo com que muitas pessoas vivem e se relacionam consigo mesmas, com os outros e com o mundo.

Em geral, nas empresas há uma área dedicada exclusivamente a buscar formas de influenciar os possíveis consumidores a optarem por seus produtos e serviços: a área de *Marketing*.

São os membros dela os responsáveis por descobrir quais os desejos das pessoas e transpô-los para os produtos, além de tornar aquilo que é oferecido mais atrativo, sedutor, para influenciar os consumidores em potencial.

Além disso,

[...] o *marketing* atual exalta prazeres momentâneos, [como] o hedonismo e transmite tudo isso para os seus produtos, em especial a sensação de novidade, apresentando continuamente novos produtos, cada vez mais funcionais e completos, gerando uma desculpabilização do gosto pelo gasto no consumidor, à medida que o ilude no viver “aqui e agora”. Com isso, o mercado lucra gradativamente com sua explosão de novidade permanente.⁴⁴

A busca incessante pela “vida feliz” materializada é algo muito explorado pelas estratégias de *marketing*. São atrelados, tanto ao produto quanto à marca, valores correspondentes ao homem ideal e bem-sucedido em todos os sentidos. Autoconfiança, bem-estar, felicidade, sucesso profissional e pessoal, etc. “A ilusão da felicidade conferida a objetos, acoplada à busca desenfreada pelo prazer, no homem hipermoderno, facilitam as aquisições desse consumidor e a consolidação da marca que se utiliza dos artifícios mencionados”⁴⁵.

O valor mais característico da sociedade de consumidores, na verdade seu valor supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na *vida terrena, aqui e agora* e a cada “agora” sucessivo. Em suma, uma felicidade *instantânea e perpétua*. [...] a infelicidade é crime passível de punição, ou no mínimo um desvio pecaminoso que desqualifica seu portador como membro autêntico da sociedade.⁴⁶

Entretanto há um paradoxo claro no que tange esse cenário de busca constante pela felicidade e pelo prazer, pois ainda que o homem contemporâneo

⁴⁴ SILVA, Lorena Bandeira da. **Sobre o Consumo e o Consumismo**: a consumação do vazio. p. 83.

⁴⁵ Ibidem, p. 84.

⁴⁶ BAUMAN, 2008. p. 60-61.

viva na abundância de bens de todos os tipos, ele se encontra cada vez mais carente, insatisfeito e sentindo-se vazio, reforçando sentimentos de insegurança, isolamento e frustração, caracterizando como consequências graves desse desequilíbrio tão complexo⁴⁷.

Cabe destacar que a frustração não atinge unicamente aqueles que conseguem consumir aquilo que desejam, há também uma parcela que se frustra justamente por não conseguir o mesmo *status* que aqueles que conseguem usufruir daquilo que desejam. Isso decorre justamente da inversão de valores em que o ter vale mais do que o ser, pois “o ter impregnou-se de tal forma no caráter de ser, que o homem que não possui bens de consumo, acredita não ser, gerando-o frustração. É a lógica do tenho, logo existo”⁴⁸ que passou a vigorar socialmente.

Ao vivenciar essa experiência negativa, o indivíduo vai buscar realizar-se justamente dentro da dinâmica que o frustra: o consumo. Isso torna o círculo vicioso cada vez mais intenso, pois há a ilusão de que ao consumir, aquele “gosto amargo” deixado pelos sentimentos negativos desaparecerá, o que não é exatamente real.

A reação do sujeito que sofre com a frustração existencial é buscar distrações, fugir desse vazio e solidão em que se encontra, podendo, inclusive, tentar suprir esse vazio nas compras, na sociedade de hiperconsumo. O que não priva de pensar acerca da frustração, como sensação iminente, gerando-o insegurança.⁴⁹

Não obstante, “na economia consumista, a regra [para a maioria das empresas] é que primeiro os produtos apareçam (sendo inventados, descobertos por acaso ou planejados pelas agências de pesquisa e desenvolvimento), para só depois encontrar suas aplicações”⁵⁰, ou seja, o desejo de obter aquele produto será instigado nas pessoas, prometendo a elas tudo aquilo que o objeto pode fazer, e até aquilo que ele não pode, como tornar quem o adquire alguém verdadeiramente feliz.

Afinal “ao contrário da promessa vinda lá do alto [por parte de quem oferece os produtos] e das crenças populares, o consumo não é um sinônimo de felicidade nem uma atividade que sempre provoque sua chegada”⁵¹.

⁴⁷ SILVA, Lorena Bandeira da. **Sobre o Consumo e o Consumismo**: a consumação do vazio. p. 84.

⁴⁸ Ibidem, p. 85.

⁴⁹ Ibidem, p. 85.

⁵⁰ BAUMAN, 2008. p. 53-54.

⁵¹ Ibidem, p. 51-52.

1.6 O consumismo na atualidade

Como vimos, o consumismo, em suas múltiplas faces, é um tema tão complexo quanto atual. As consequências podem ser percebidas de diversas maneiras, desde alterações no comportamento social até consequências efetivamente materiais, como a degradação do meio ambiente e até a extinção de espécies animais e vegetais.

Atualmente, uma dessas consequências negativas que vale ser ressaltada é a objetificação dos próprios seres humanos dentro da sociedade de consumo.

Diante desse cenário, até os próprios seres humanos passaram a ser objetos de consumo, como explica Bauman:

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores [...] não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: *eleva a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis.* [...] *Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo*, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. [...]⁵²

Sobre os grandes centros comerciais, para ele é justamente

[...] Dentro desses templos [de consumo que], tanto os objetos de adoração como seus adoradores são mercadorias. Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios produtos de comodificação. [...] Ao explorarem o mercado à procura de bens de consumo (o propósito ostensivo de sua presença ali), são atraídos para as lojas pela perspectiva de encontrar ferramentas e matérias-primas que podem (e *devem*) usar para se fazerem “aptos a serem consumidos” – e, assim, [algo] valioso para o mercado.⁵³

Ao se tratar as pessoas como se fossem objetos, também se corre o risco de começar a descartá-las da mesma forma com que se descarta um celular quando é considerado obsoleto ou sem utilidade. Assim se cria a cultura do descarte, tão presente na sociedade contemporânea.

O consumismo configura-se como uma promessa de autorrealização imediata, como nunca se viu anteriormente na história, a partir do consumo de algo;

⁵² BAUMAN, 2008. p. 76.

⁵³ *Ibidem*, p. 82.

porém isso é simplesmente ilógico, já que a sociedade de consumo sobrevive justamente da insatisfação dos desejos dos consumidores ao ponto de quando, por qualquer motivo, um indivíduo esteja se sentindo satisfeito, criam-se formas de incentivar nele novos desejos,⁵⁴ para que ele retorne ao círculo vicioso que entrou.

Esse desejo constante de sempre ter algo novo nas mãos, buscar sempre algo a mais para enfim tentar satisfazer as próprias necessidades, pode ter consequências drásticas para quem se enveredar por esse caminho. Bauman faz uma “profecia” a respeito dessas pessoas quando afirma diretamente que:

Vocês ficarão entediados com seu trabalho, seus cônjuges, seus amantes, com a vista de sua janela, a mobília ou o papel de parede de seu quarto, seus pensamentos, com vocês mesmos. Por conseguinte, tentarão imaginar maneiras de fugir. Além dos dispositivos de autossatisfação mencionados anteriormente, vocês podem assumir novos empregos, residências, empresas, países, climas, podem assumir a promiscuidade, o álcool, viagens, aulas de culinária, drogas, psicanálise... Na verdade, podem juntar tudo isso, e por algum tempo vai parecer que está funcionando. Até o dia, é claro, em que você acorda no seu quarto em meio a uma nova família e outro papel de parede, num estado e num clima diferentes, mas com o mesmo sentimento de fastio em relação à luz do dia que se infiltra pela janela.⁵⁵

Com isso, fica claro que não são os objetos ou o ambiente que precisam mudar, mas os próprios indivíduos que precisam assumir uma nova maneira de viver, buscar dar um novo sentido para sua existência e, dessa maneira, superar o círculo vicioso do consumismo, tão impregnado em todas as realidades da sociedade.

⁵⁴ BAUMAN, p. 63.

⁵⁵ Ibidem p. 144.

2. Práxis Cristã e consumismo

O segundo capítulo desta pesquisa tem como objetivo apresentar o que a teologia tem a ensinar, ainda que indiretamente, a respeito do nosso tema, aqui propriamente desenvolvendo sobre a práxis cristã como ela deveria ser. Os fundamentos apresentados são extraídos a partir das Sagradas Escrituras, da Tradição e do Magistério, que funcionam como que um tripé da crença cristã católica.

Não se deve cair no engano de pensar que teremos um ensinamento claro e objetivo, ou até simplista, a partir dos dois primeiros, mas encontramos diversos ensinamentos e passagens que têm muito a contribuir com a existência humana hoje, diante da crise mundial do consumo acima de tudo e todos, e como fator preponderante no estabelecimento do sentido que alguém define para sua vida.

Aqui, somos chamados a nos questionar se por diversas razões “estejamos vivendo anos de acomodação teológica – não somente uma igreja acomodada à sociedade que a gerou, mas também a uma teologia que aliena, em vez de questionar a sociedade”⁵⁶, afinal, como afirma Rossi, “qualquer teologia que fracassa em sua contribuição decisiva para o conceito de um Deus que se solidariza com as vítimas da sociedade deveria se abster de se pronunciar definitivamente sobre qualquer assunto.”⁵⁷

Nossa opção foi a de nortear nossa reflexão a partir do seguimento de Jesus Cristo, encarnado, morto e ressuscitado, e do desenrolar histórico-teológico que Ele, enquanto evento fundante e sempre presente pela ação do Espírito Santo, suscitou e acompanhou.

Afinal, ao olharmos para toda a realidade existencial de Jesus, inclusive para seu sofrimento, percebemos que “Deus não está separado dos sofrimentos da humanidade. [...] Deus não age no vácuo. Ele não é mero espectador, mas está participando conosco em nossa história”⁵⁸.

2.1 Sagrada Escritura e consumismo

⁵⁶ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's: teologia e sociedade de consumo**. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 134.

⁵⁷ Ibidem, p. 140.

⁵⁸ Ibidem, p. 134-135.

2.1.1 Antigo Testamento

As Sagradas Escrituras ocupam um lugar de destaque na reflexão teológica como um todo, por serem propriamente a Revelação de Deus.

Em virtude desta revelação, [o] Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta «economia» da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido.⁵⁹

Portanto, ainda que no Antigo Testamento não haja exatamente algum trecho que discorra a respeito do consumismo, podemos analisar essa realidade a partir de certas imagens como a que escolhemos neste trabalho: a queda de Adão e Eva no Jardim do Éden⁶⁰.

Acreditamos que é possível que o ato cometido por Adão e Eva, levados pelo desejo de consumir o fruto que havia sido proibido por Deus, possa servir como uma metáfora do desejo desordenado do ser humano pelos bens de consumo.

É importante, já de início, ressaltar alguns detalhes pertinentes ao tema. O jardim é o paraíso criado por Deus, mas que não está completo, pois Deus cria o homem para que cultive o local, ou seja, o ser humano é claramente chamado, na figura de Adão, a ser cooperador da criação, indicando assim, uma ligação especial. Outro detalhe importante da participação de Adão é que o Criador apresenta todos os animais a Adão para que ele dê o nome a cada um, criando um vínculo entre o homem e a criação, demonstrando assim sua autoridade sobre tudo aquilo que está diante dele⁶¹.

Ao vermos tudo isso descrito no texto hagiográfico, percebemos que não há em Adão um desejo por “consumir”, “devorar” ou “explorar” a criação de uma maneira desordenada, mas há, sim, o desejo de cultivar, cuidar, proteger, etc. proporcionando seu desenvolvimento.

⁵⁹ CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II. **Dei Verbum**. n. 2.

⁶⁰ Gênesis 2,4b-3,24.

⁶¹ HAHN, Scott; MICH, Curtis; WALTERS, Dennis. **O livro do Gênesis**: cadernos de estudo bíblico. Campinas: Ecclesiae, 2015. p. 38.

É nitidamente perceptível no texto que Adão e Eva sabiam da existência do fruto, até porque Deus os havia advertido que era o único do qual eles não poderiam provar de todo o Jardim, porém não havia neles um desejo pelo fruto até aquele momento do encontro com a serpente.

Foi justamente a serpente que os seduziu, os enganou, produzindo neles o desejo de consumir o que era expressamente proibido por Deus, ou seja, ir além do necessário, do limite estabelecido entre o que é preciso para viver e o que é supérfluo, e iniciar o consumo do excesso, do desnecessário para o bem-estar.

Como aquele indivíduo que busca no consumismo, seja ele de que tipo for, Adão e Eva são persuadidos pela promessa da serpente de que ao consumir o fruto, eles vivenciariam uma plenitude nunca antes experimentada, ao ponto de se tornarem como deuses, em pé de igualdade com Aquele que os havia criado.

Ao comentar essa perícopé, o teólogo Gianfranco Ravasi consegue clarear um pouco mais tal realidade, ao dizer que

Por desgraça, o homem plasma uma imagem deformada ao pretender roubar de Deus suas prerrogativas de dono da vida e da moral e ao se recusar a aceitar o sentido último que o Senhor colocou no ser e na existência.⁶²

Adão e Eva eram livres para escolher trilhar o caminho do plano divino definido por Deus, assim como hoje cada ser humano ainda é; porém, ao optar pelo fruto, deixando-se seduzir pelos pretensos benefícios que ele pudesse vir a trazer, abrem-se os olhos e o que veem é a vergonha diante de si e o que sentem é o medo do próprio Criador.

Como vimos, após o ato de consumir, pura e simplesmente por desejo, sem qualquer necessidade real, vem a frustração e as consequências na existência do indivíduo e, como em Adão, tais consequências se refletem em todo o seu ser⁶³.

Assim se configura o verdadeiro pecado que vai contra a harmonia da criação “ao colocar um objeto de prazer, ou simplesmente a si mesmos, como centro de tudo”⁶⁴, ou seja, é a manifestação do egoísmo e do egocentrismo que fecham os olhos para tudo e todos, rompendo com os vínculos verdadeiros e substituindo por sentimentos negativos decorrentes da queda.

⁶² RAVASI, Gianfranco. **El libro del Génesis (1-11)**. Barcelona: Editorial Herder, 1992. p.87.

⁶³ Ibidem, p.87-88.

⁶⁴ Ibidem, p.88-89.

No caso do primitivo casal, a consequência é a expulsão do convívio com Deus e de suas bênçãos⁶⁵, e de poder desfrutar dos benefícios do paraíso e de seu cultivo, tendo agora que sofrer as dores e a morte, e trabalhar a terra para dela tirar seu sustento.

2.1.2 Novo Testamento

Se no item anterior, ao tratarmos da contribuição que podemos encontrar no Antigo Testamento, destacamos o caráter pedagógico que é possível averiguar no texto do livro do Gênesis, ao abordarmos o Novo Testamento queremos ressaltar justamente a imagem da comunidade cristã nascente descrita no livro dos Atos dos Apóstolos⁶⁶ como uma possível luz para a problemática desta pesquisa.

O texto escrito pelo mesmo autor do Evangelho segundo Lucas, cria uma obra única, na qual ele destaca muito daquilo que ocorreu, segundo sua visão teológica, após a ressurreição de Jesus Cristo, demonstrando que a ação iniciada pelo Messias não cessou com sua ascensão, mas se perpetua por meio das ações de suas tantas testemunhas⁶⁷.

No livro dos Atos dos Apóstolos, vemos justamente os efeitos que o seguimento de Jesus e o anúncio do evangelho produzem naqueles que se entregam de corpo e alma a esse projeto divino e ao testemunho do ressuscitado que decorre disso. Esse efeito é destacado, por exemplo, nas características descritas a respeito dessa nova comunidade, ao afirmar que “eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”⁶⁸.

A característica que queremos destacar e abordar neste ponto é justamente a comunhão fraterna (*koinonia*, em grego). Esse distintivo que não pode ser separado de seu conjunto, mas deve ser entendido como resultado da profunda união que havia entre os membros daquela comunidade, ao ponto de o autor do livro afirmar que “a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. [E que, em

⁶⁵ HAHN, Scott; MICH, Curtis; WALTERS, Dennis, 2015. p. 44.

⁶⁶ Atos dos Apóstolos 2,44-46 e 4,34-35.

⁶⁷ MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 137.

⁶⁸ Atos dos Apóstolos 2,42-43. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1905.

consequência disso] Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum.”⁶⁹

Dessa maneira, “há motivo para que se veja nessa partilha a expressão ou a transcrição exterior da união espiritual dos fiéis, [...] A comunhão na fé parece chegar naturalmente à comunhão dos bens”⁷⁰ conforme é descrito no texto.

Aquilo que os membros da comunidade professavam, não ficava simplesmente no campo da promessa ou da reflexão intelectual, mas se transformava em ação efetiva, reforçando que a relação com Deus implica também na ajuda, na partilha, na solidariedade com aqueles que necessitam⁷¹ para viver dignamente, ou seja, a fé implica em obras de justiça e igualdade.

Ao olharmos para o texto, podemos incorrer no erro de pensar que os crentes dessa primeira geração se tornavam pessoas sem absolutamente nenhuma posse, ao colocar tudo à disposição dos apóstolos que administravam esses bens e os redistribuíam conforme as necessidades de cada um. Porém, como afirma Gourgues, “[...] deve-se entender que os fiéis continuavam a possuir propriedades; porém considerando-as como se elas não lhes pertencessem como coisa própria, aceitavam pô-las à disposição dos outros.”⁷²

Ainda sobre esse assunto, ele destaca que “não está escrito que todos renunciavam a qualquer rendimento, mas que aqueles que possuíam casas e terrenos vendiam-nos para ajudar os outros em suas necessidades.”⁷³

O desejo desses membros não era simplesmente viver como mendicantes, mas ajudar os membros que possuíam menos bens a terem aquilo que era necessário para viverem com dignidade. Nessa atitude vemos a ordem correta das coisas, pois as pessoas não viviam em função dos bens, todavia os bens eram utilizados para promover uma vida melhor, e não para acumular indiscriminadamente, ou para serem adquiridos como um fim em si.

Um exemplo interessante apresentado nos Atos é justamente o caso de Ananias e Safira⁷⁴, que venderam seus bens, mas não entregaram o rendimento total aos apóstolos. Eles, que não foram coagidos para agir dessa forma, mentiram

⁶⁹ Atos dos Apóstolos 4,32. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1908.

⁷⁰ GOURGUES, Michel. **Atos 1-12: missão e comunidade**. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 58.

⁷¹ Ibidem, p. 58.

⁷² Ibidem, p. 59.

⁷³ Ibidem, p. 59.

⁷⁴ Atos dos Apóstolos 5,1-11. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1908-1909.

para Pedro. Nessa perícopa, fica claro na fala de Pedro que não era proibido a eles continuarem com os seus bens. O pecado deles foi justamente o apego e a mentira. Tal passagem nos faz refletir a respeito da afirmação encontrada na primeira carta a Timóteo: “[...] a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos.”⁷⁵

Ao comentar esse acontecimento descrito por Lucas, Gougues destaca que é justamente “[...] a atitude de desapego que possibilita a partilha e a abertura aos outros. [e] Para que o consigam, eles devem estar profundamente enraizados na fé, nas motivações e na escala de novos valores que dela decorrem.”⁷⁶

A partir de tudo o que foi descrito, como essa experiência da comunidade cristã primitiva poderia iluminar as relações atuais dentro da dinâmica do consumismo? A experiência deles nos mostra que ninguém deve ser escravo dos bens, mas que eles podem e devem ser utilizados como meios para produzir dignidade. Ao abrirem mão daquilo que lhes era supérfluo, os primeiros cristãos nos mostram que a fé deve se tornar ação em favor daqueles que mais sofrem, e não buscarem a cada dia acumular mais em favor de si, de maneira egoísta.

2.2 Jesus Cristo e o consumismo

Tendo em vista a riqueza dos ensinamentos revelados e transmitidos por Jesus Cristo, optamos por colocá-lo em destaque neste capítulo.

Para falar dele de uma maneira a mais direta quanto é possível, não haveria outra possibilidade senão recorrer aos evangelhos, pois neles encontramos as mensagens diretamente transmitidas por Jesus aos apóstolos e por eles a cada uma das comunidades.

Além disso, como afirma Rossi, os evangelhos são “o anúncio da realidade histórica da contínua política de Deus, que expressou a si mesmo [...] como um poder que invade a própria história”⁷⁷, ou seja, nos quatro livros encontramos o desejo de Deus que nos convida a aprender Dele, para transformar o mundo conforme seu plano salvífico.

⁷⁵ 1 Timóteo 6,10. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 2073.

⁷⁶ GOURGUES, 1990. p. 60.

⁷⁷ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's**: teologia e sociedade de consumo. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 135.

Jesus é justamente aquele que demonstra de uma maneira plena como devemos agir, afinal “com sua audácia desconhecida surpreende a todos, afirmando algo que nenhum profeta de Israel havia se atrevido a declarar: ‘Deus já está aqui com sua força criadora de justiça, tratando de abrir caminho entre nós para humanizar a história’.”⁷⁸

Dessa forma, para compreendermos bem a mensagem evangélica,

[...] Jesus deve ser entendido como o poder e como a norma política histórica de Deus em relação à liberdade humana. [...] quando falamos sobre Jesus, estamos falando a respeito da história, a respeito da contínua política da graça na história e, conseqüentemente, sobre o triunfo do ser humano na história. Certamente, não estamos falando a respeito da redução do ser humano a um mero valor econômico.

Na encarnação, podemos perceber o que realmente significa a identificação de Deus com o fraco, o pobre e o doente: ‘ele, embora fosse rico, se tornou pobre por causa de vocês’ (2 Coríntios 8,9) [...] Deus não se tornou carne como um aristocrata rico – sinônimo de sucesso.⁷⁹

Em vista disso, escolhemos dois versículos para exemplificar o ensinamento apresentado por Jesus Cristo, dos quais podemos extrair uma clara colaboração em relação ao tema deste trabalho.

A primeira perícopé é extraída do Evangelho de Mateus, que nos apresenta de forma didática o engano que as pessoas podem cometer ao optarem simplesmente pelos bens terrenos, conforme observamos a seguir:

Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem o caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam; pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração. Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro.⁸⁰

⁷⁸ PAGOLA, José Antonio. **Jesus e o dinheiro: uma leitura profética da crise**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 22.

⁷⁹ ROSSI, 2011. p. 135.

⁸⁰ Mateus 6,19-21;24. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1714.

O mestre de Nazaré chama a atenção de seus ouvintes para não inverterem o valor dos bens, dando demasiada importância à posse dos bens terrenos em detrimento dos bens eternos e espirituais que não podem ser destruídos. Tal inversão pode acabar por “ameaçar a vivência de um amor íntegro por Deus”⁸¹.

Para Jesus, quando o dinheiro passa a ocupar o lugar de Deus, o projeto do Reino anunciado por ele fica comprometido, o que acarreta, para aqueles que desejam segui-lo, a necessidade de se fazer uma escolha por um único senhor. Como explica Pagola, “o Dinheiro, convertido em ídolo absoluto, é para Jesus o grande inimigo do projeto humanizador de Deus. [...] A lógica de Jesus é contundente. Deus não pode ser Pai de todos sem reclamar justiça para aqueles que são excluídos de uma vida digna.”⁸²

A dignidade humana passa a ser ameaçada, quando a idolatria toma posse das realidades terrenas, justamente por abolir por completo a ideia de justiça divina, na qual o ser humano está acima de qualquer bem ou lucro.

A segunda perícopé é extraída do evangelho segundo Lucas. Nela Jesus trata justamente do excesso de bens, e critica duramente aqueles que colocam sua segurança em suas posses, como se elas garantissem algo além dos pequenos confortos próprios, como lemos: Depois lhes disse: “Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens”⁸³.

Fica evidente nesse trecho que, de certa maneira, “a história se organiza, se move e dinamiza a partir dessa lógica. Tudo é pouco para sentir-nos satisfeitos.”⁸⁴ Assim, vemos o quão atual é a mensagem de Jesus.

Com esses dois pequenos trechos das Sagradas Escrituras, é possível perceber que mudar o mundo, configurando-o ao projeto do Reino de Deus, é algo possível justamente por ser esse o desejo de Deus, proporcionando uma realidade mais justa, feliz e humana⁸⁵.

⁸¹ HAHN, Scott; MICH, Curtis; WALTERS, Dennis. **O evangelho de São Mateus**: cadernos de estudo bíblico. Campinas: Ecclesiae, 2014. p.51.

⁸² PAGOLA, 2014. p. 31.

⁸³ Lucas 12,15. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1811.

⁸⁴ PAGOLA, op.cit., p. 33.

⁸⁵ Ibidem p. 25.

Todavia, em seus ensinamentos, Jesus não chama o povo a uma postura passiva diante das injustiças e problemas, ao contrário, ele ressalta a responsabilidade daqueles que querem ver o Reino implantado.

Como explica Pagola,

Deus não pode mudar o mundo sem que nós mudemos. Sua vontade de mudar a história vai se tornando realidade em nossa resposta a seu projeto. Temos que despertar nossa responsabilidade. [...] atrever-nos a pensar e a atuar fora do sistema para entrar na lógica e na dinâmica do Reino de Deus.⁸⁶

Atuar fora do sistema significa nada menos do que questionar o modo de vida que a sociedade segue, questionar a forma como as escolhas pelos bens são feitas, sua quantidade e sua real necessidade, ou seja, todas as escolhas têm um peso ético que aqueles que optam por promover o Reino devem considerar, de acordo com os ensinamentos de Jesus de Nazaré.

2.3 Tradição e consumismo

O segundo pilar da fé cristã católica é chamado de Sagrada Tradição. Nela estão os escritos dos primeiros períodos da era cristã e que não estão registrados na Bíblia. Nesse conjunto, estão os registros dos “Pais e Mães da Igreja” que deram suas contribuições tanto com interpretações das passagens das escrituras quanto no aprofundamento de diversos temas teológicos.

Por serem tão ligados às origens e aos ensinamentos de Jesus Cristo, nós não poderíamos deixar de trazer, ainda que de maneira breve, a contribuição desse período para nosso tema. Obviamente não há entre os escritos da Tradição da Igreja algo específico a respeito do consumismo, mas podemos encontrar alguns ensinamentos que podem nos servir como indicação de um caminho seguro a ser trilhado.

A contribuição que destacamos é de São Basílio (330-379 d.C.), onde ele comenta a busca pelos bens supérfluos, como lemos a seguir:

⁸⁶ PAGOLA, 2014. p. 26.

E para o que você vai usar o ouro? Você quer usar uma roupa mais bonita? Pois uma túnica de dois côvados será suficiente e um único manto preencherá toda a necessidade de vestimenta. Você vai usar sua riqueza para comer? Um único pão é suficiente para encher a barriga. O que você perdeu para ser tão triste? A glória que vem das riquezas? Mas se você não busca a glória da Terra, você encontrará aquela glória verdadeira e esplêndida que espera por você no Reino dos Céus. Mas a simples posse de riqueza é uma coisa agradável, você diz, mesmo quando nenhum lucro é derivado dela. Pelo contrário, é óbvio para todos que o desejo pelo supérfluo é insensato. No entanto, pode parecer paradoxal para você o que vou lhe dizer agora, mas é a verdade em si. Riqueza, derramada da maneira que o Senhor aconselha, é naturalmente preservada; Retida, está perdida. Se você guardá-la, você não a terá; Se você derramar, você não perderá. Porque ele "espalhou e deu aos pobres, a sua justiça permanecerá para sempre" (Sl 111,9).⁸⁷

Ao olhar para a realidade de sua época, Basílio chama a atenção das pessoas para a necessidade de uma vida mais simples, onde o dinheiro (ouro) seja utilizado de maneira consciente e não apenas em benefício próprio, pois esse é o ensinamento do Senhor. Viver com o necessário e tornar aquilo que sobra em vida para os irmãos que não têm o suficiente. Ainda a esse respeito, ele continua:

Mas a verdade é que a maioria não coloca tanto desejo de adquirir riqueza por motivo de comida e roupas, mas o diabo fez um bom trabalho para sugerir aos ricos pretextos infinitos para gastar, para que eles procurem o inútil como necessário, e nada é suficiente para as necessidades que excogitam. [...] ⁸⁸

Ao lermos um escrito como esse, não é possível deixar de reconhecer a similaridade com o mundo atual. Basílio tem em seus textos uma cobrança em relação àqueles que possuem mais bens, que os utilizem de maneira coerente, deixando de lado aquilo que não é necessário e auxiliando no cuidado daqueles que têm o insuficiente para sobreviver de forma digna.

A indignação desse padre da Igreja é tão grande diante dessa realidade que ele afirma que o próprio diabo é quem age na vida dessas pessoas, pois essa atitude gera morte e divisão, coisas que não estão de acordo com o projeto do Reino de Deus apresentado por Jesus.

⁸⁷ São Basílio. n. 209. apud BRAVO, Restituto Sierra. **Doctrina Social y Economica de los Padres de La Iglesia**. Madri: COMPI, [s.d.]. p. 180-181.

⁸⁸ São Basílio. n. 210. apud BRAVO, [s.d.]. p. 181.

Para os padres da Igreja, agora de maneira geral, “a renúncia aos bens deve ser uma atitude voluntária, e não uma imposição dos chefes da Igreja.”⁸⁹ Sendo assim, os textos em geral terão esse caráter pedagógico, chamando os fiéis à conversão e mudança de atitude.

2.4 Magistério e consumismo

O Magistério tem uma função muito própria para os cristãos católicos, pois devem, além de interpretar de forma correta as Sagradas Escrituras e guardar todo o depósito da fé que receberam dos apóstolos de Jesus Cristo, ensinar os fiéis de hoje, à luz de todo o itinerário teológico e dos sinais dos tempos, a respeito dos temas, fáceis e difíceis, que surgem na dinamicidade cultural e histórica.

Se antes o problema do consumismo não poderia ser abordado de maneira clara e direta, isso mudou e o Magistério não se esquivou de dar sua contribuição, mas assumiu essa missão de ensinar e orientar seus fiéis como se espera que vivam diante dessa problemática contemporânea tão difícil.

A preocupação dos papas em relação ao consumismo teve seu possível início com Leão XIII, mas não com a preocupação do excesso de consumo, como abordamos até aqui. Em seus ensinamentos, Leão XIII estava, naquele momento, mais preocupado com o pouco consumo dos bens por parte dos pobres⁹⁰, que eram explorados e privados de uma vida digna.

Quanto ao papa Paulo VI, em sua encíclica *Populorum Progressio*, novamente não aborda diretamente o tema do consumismo, pois ele

estava preocupado em apresentar uma visão de desenvolvimento autêntico para pessoas e sociedades. Ele estava mais preocupado com a ameaça da pobreza para tal desenvolvimento, mas ele viu o perigo à espreita da abundância material.⁹¹

Esse quadro de abordagem indireta logo mudou, pois João Paulo II coloca seu dedo na ferida social e aborda claramente o fenômeno do consumismo como

⁸⁹ BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A.; HANSEN, João H. **Patrística**: caminhos da tradição cristã. São Paulo: Paulus, 2008. p. 147.

⁹⁰ HIMES, Kenneth R. **Consumerism and Christian Ethics**. p. 149.

⁹¹ *Ibidem* p. 150.

fruto da ação de empresas de comunicação que passam a incentivar, entre outras coisas o consumismo⁹².

Também como resultado de uma determinada cultura que se apresenta como concepção global de vida que, ao destacar de maneira demasiada as necessidades físicas, submete tudo aquilo que é relativo à espiritualidade humana, dando início a essa forma ilícita de consumo, que é prejudicial tanto para a saúde física quanto para a espiritual.⁹³

João Paulo II chama a atenção, também, para a situação do mercado econômico, que deve ser observada e trabalhada, ao dizer que:

O sistema econômico, em si mesmo, não possui critérios que permitam distinguir corretamente as formas novas e mais elevadas de satisfação das necessidades humanas, das necessidades artificialmente criadas que se opõem à formação de uma personalidade madura. Torna-se por isso necessária e urgente, uma *grande obra educativa e cultural*, que abranja a educação dos consumidores para um uso responsável do seu poder de escolha, a formação de um alto sentido de responsabilidade nos produtores, e, sobretudo, nos profissionais dos *mass-media*, além da necessária intervenção das autoridades públicas.⁹⁴

Além disso, no mesmo documento, já começa a preocupação pelo meio ambiente, ao ressaltar que “o homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da Terra e da sua própria vida.”⁹⁵

Bento XVI segue a linha de pensamento já proposta por seus antecessores ao considerar os bens espirituais mais importantes do que os materiais.

Ele considera que, entre outros graves problemas, o consumismo é um dos “fermentos característicos das sociedades ocidentais”⁹⁶ que estão se infiltrando e afetando a religiosidade em locais onde a presença da Igreja, outrora foi forte e significativa, sobrevivendo inclusive a perseguições, como a Eslováquia e a Polônia.

Dessa maneira configura-se em um desafio que exige, não só dos cristãos católicos, mas das diversas tradições religiosas uma “mobilização das inteligências e

⁹² JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II ao povo brasileiro por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1989 com o tema: “A comunicação social”**. n. 4.

⁹³ Idem, **Centesimus Annus**. n. 36.

⁹⁴ Ibidem, n. 36.

⁹⁵ Ibidem, n. 37.

⁹⁶ BENTO XVI. **Discurso Do Papa Bento XVI aos membros da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita “Ad Limina Apostolorum”**.

da criatividade do homem” para se descobrir formas de aproveitar melhor os recursos disponíveis, sem descartar, obviamente, o processo de conversão para uma forma de vida que valorize o ser humano, e não o “consumo cada vez mais desenfreado”⁹⁷.

Em sua encíclica *Caritas in Veritate*, o papa alemão coloca suas principais reflexões e ensinamentos a respeito dos temas sociais considerados por ele como mais urgentes. Nela, ele denuncia o contraste que há entre as pessoas inclusive num mesmo local, onde alguns vivem em uma situação de consumismo, enquanto outros tantos vivem na miséria⁹⁸.

Dentre tantas, destaco a preocupação de Bento XVI com o desenvolvimento dos seres humanos, tendo em vista o pretense progresso tecnológico e econômico que pode se tornar um incentivador do consumismo, em detrimento de um verdadeiro desenvolvimento dos indivíduos⁹⁹.

Por fim, o magistério recente tem dado demasiado destaque à problemática do consumismo. Isso fica claro, por exemplo, na encíclica *Laudato Si'*, escrita pelo Papa Francisco em 2015, onde aborda principalmente a relação entre o consumismo e a casa comum (o planeta) em suas mais diversas situações problemáticas.

Todavia, Francisco aborda o consumismo com muita preocupação, como podemos ver, quando afirma que todos nós

Vivemos, dizia, num contexto de consumismo muito intenso; parece que somos impelidos a consumir, no sentido de que o importante é consumir sempre. Antes, das pessoas que sofriam deste problema dizia-se que tinham uma dependência de comprar. Hoje já não se diz: todos estamos neste ritmo de consumismo. [...] Entramos num precipício de consumo e somos induzidos a acreditar que valemos pelo que somos capazes de produzir e consumir, por quanto somos capazes de ter.¹⁰⁰

Essa fala nos mostra o grau de seriedade do tema, já que o pontífice se coloca também como alguém que igualmente sente os efeitos da cultura de consumo.

⁹⁷ BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI aos oito novos embaixadores junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais.**

⁹⁸ Idem, *Caritas in Veritate*. n. 22.

⁹⁹ Ibidem, n. 68.

¹⁰⁰ FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco na abertura do Congresso Pastoral da Diocese de Roma.** p. 7.

Nosso planeta está passando por diversas modificações, que não necessariamente são boas. Os seres humanos têm interferido diretamente sob diversos pretextos, quando por detrás só há o interesse financeiro e de consumo, que geram perdas sem precedentes para toda a família humana, já que nada que o homem faça poderia substituir aquilo que a criação traz e foi feito pelo próprio Artesão do Universo.¹⁰¹

Além disso, sofrem também as diversas culturas, principalmente as mais vulneráveis, pois “a visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade.”¹⁰²

Para Francisco, a relação entre consumismo e problemas climáticos, tema abordado também por seus antecessores, é direta bem como problemas sociais, como podemos observar a seguir:

[...] não pensemos só na possibilidade de terríveis fenômenos climáticos ou de grandes desastres naturais, mas também nas catástrofes resultantes de crises sociais, porque a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca.¹⁰³

Para ele, diante desse cenário, não adianta simplesmente que cada um seja o melhor, pois “os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental e acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental”¹⁰⁴, dado que o mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, as pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos.¹⁰⁵

Francisco convoca a todos os habitantes da casa comum, a se unirem em torno desse propósito de mudar seus hábitos, educando-se para uma vida mais preocupada com o todo, e não apenas com o microcosmo em que cada indivíduo habita.

¹⁰¹ FRANCISCO. *Laudato Si'*. n. 34.

¹⁰² *Ibidem*, n. 144.

¹⁰³ *Ibidem*, n. 204.

¹⁰⁴ *Ibidem*, n. 219.

¹⁰⁵ *Ibidem*, n. 203.

Por fim, vemos que “o ensino social católico moderno desenvolve sua crítica ao consumismo com base em uma afirmação antropológica sobre o que constitui o genuinamente humano e quais valores e práticas servem ao desenvolvimento autêntico.”¹⁰⁶

2.5 Práxis cristã, à luz da fé, em uma sociedade de consumo

Como vimos, não é possível para um cristão afirmar que não há, seja por parte das Sagradas Escrituras, da Tradição ou da Igreja, por meio do Magistério, uma orientação de como o indivíduo que professa a fé católica deve se comportar diante da realidade degradante do consumismo.

Além disso, fica igualmente claro que não podemos fechar os olhos para o fato de que existe um risco real de que a sociedade pode acabar influenciando as religiões, inclusive incentivando a formação de correntes de pensamento teológico que corroborem com aquilo que, ao confrontarmos com os ensinamentos originários, não seria aceito, como a chamada Teologia da Prosperidade, que favorece a posse dos bens materiais, chegando, em alguns casos, a tratar aqueles que não os possuem como indivíduos não amados por Deus – abandonados ou amaldiçoados. Acerca disso, Rossi chama a atenção de que

Em uma sociedade tão marcada pelas questões tocadas pela economia, corremos o risco de até a religião assumir como discurso o estímulo ao “consumismo como evidência da ação de Deus na vida de uma pessoa” criando cristãos vazios, transitórios e superficiais, que não ousam confrontar sua própria realidade com aquilo que é ensinado por Jesus Cristo em relação ao verdadeiro Reino de Deus.¹⁰⁷

Ao confrontarmos a vivência do consumismo, ou seja, o ser humano que se volta contra si próprio vivendo essa realidade fantasiosa, na qual a ideia do ter em detrimento do ser é seu estandarte; onde aquilo que alguém compra é determinante para definir quem ele é, e que exclui aqueles que se encontram em situação de pobreza e vulnerabilidade¹⁰⁸, com as orientações e ensinamentos cristãos, não é

¹⁰⁶ HIMES, Kenneth R. **Consumerism and Christian Ethics**. p. 153.

¹⁰⁷ ROSSI, 2011. p. 168.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 169.

possível evitar uma profunda inquietação, justamente por ficar claro que as duas realidades não podem conviver harmoniosamente.

Rossi explica que na sociedade de consumo a exclusão é algo intrínseco, já que ela ocorre justamente porque o indivíduo não é útil para o sistema, como podemos ler a seguir.

Em uma sociedade em que consumidores são lançados como força motriz da economia da prosperidade, os pobres não têm valor como consumidores. Afinal, eles não são tentados pelos produtos expostos nos shoppings, não possuem cartão de crédito e muito menos movimentam contas bancárias.¹⁰⁹

A fé cristã procura o bem comum, e isso inclui tanto o cuidado com os outros seres humanos quanto o cuidado com o meio ambiente. Ao olharmos para a atual situação da humanidade, vemos que um

[...] sistema de produção e consumo ilimitado não é sustentável numa Terra pequena e de recursos limitados: a crescente degradação do equilíbrio ecológico está nos conduzindo para um futuro cada vez mais incerto da biosfera e do destino do ser humano.¹¹⁰

A maneira como as sociedades estão se moldando, na verdade, é autodestrutiva. “A humanidade não está religada [como a atual rede de comunicação fácil e global insinua], mas corrompida e fragmentada. O sistema nos impede de caminhar juntos e trabalhar por um destino comum.”¹¹¹

Sendo assim, a práxis cristã deve ser diferente daquela que impera atualmente, pois cobra ações que vão justamente contra tais crimes cometidos contra toda a humanidade e a criação, afinal, “o sistema [vigente] torna impossível o consenso dos povos e das culturas para pôr no centro a razão do bem comum da comunidade humana numa Terra que seja a casa de todos.”¹¹²

Se na sociedade “a voz do consumismo é a voz de deus, e, conseqüentemente, crescer nesta cultura é ouvir em alto e bom som a voz desse deus”¹¹³, aqueles que professam a fé em Jesus Cristo devem ir contra essa cultura

¹⁰⁹ ROSSI, 2011. p. 156.

¹¹⁰ PAGOLA, 2014. p. 11.

¹¹¹ Ibidem, p. 18.

¹¹² Ibidem, p. 12.

¹¹³ ROSSI, op. cit., p. 179.

de morte, pois “a fé cristã necessariamente implica uma ética pessoal e social”¹¹⁴ que é iluminada pelos mandamentos da Lei do Senhor¹¹⁵.

A fé cristã, para ser considerada viva, necessariamente precisa vir acompanhada da ação concreta, das obras,¹¹⁶ em favor daqueles que sofrem a exclusão que é consequência justamente de um círculo vicioso que vai além de uns poucos indivíduos, mas causa morte para povos inteiros. Isso fica evidente quando vemos a quantidade de insumos que são utilizados para produzir cada vez mais bens de consumo. Também o lixo que é produzido e causa desordens ambientais e sociais que prejudicam justamente aqueles que não têm condições se mudar para outro local.

O papa João Paulo II chamava a atenção para a necessidade de uma ação real em favor daqueles que não tem acesso nem mesmo ao mínimo, enquanto outros vivem na abundância, inclusive desperdiçando aquilo que lhes é supérfluo. Além da necessidade de uma mudança da maneira como o pobre que pede ajuda é encarado (muitas vezes como alguém inoportuno, quando na verdade deveria ser visto como o próprio Jesus), ele afirma justamente que

[...] não se trata apenas de «dar o supérfluo», mas de ajudar povos inteiros, que dele estão excluídos ou marginalizados, a entrarem no círculo do desenvolvimento econômico e humano. Isto será possível não só fazendo uso do supérfluo, que o nosso mundo produz em abundância, mas sobretudo alterando os estilos de vida, os modelos de produção e de consumo, as estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades. Não se trata de destruir instrumentos de organização social que deram boa prova de si, mas principalmente de os orientar segundo uma concepção adequada do bem comum dirigido a toda a família humana.¹¹⁷

Diante do que foi exposto ao longo deste capítulo, é possível chegar à conclusão de que “nunca em lugar nenhum se está construindo a vida assim como Deus a quer, se não for libertando estes homens e mulheres de sua miséria e humilhação”¹¹⁸ imposta por tantas situações contrárias aos valores do Reino de Deus apresentados nas Sagradas Escrituras, em especial pelo próprio Jesus Cristo, e perpetuada ao longo da história pelo Magistério, na figura de seus líderes, afinal “o

¹¹⁴ ROSSI, 2011. p. 159.

¹¹⁵ Salmo 19 (18), 9. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 881.

¹¹⁶ Tiago 2,26. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 2109.

¹¹⁷ JOÃO PAULO II. **Centesimus Annus**. n. 58.

¹¹⁸ PAGOLA, 2014. p. 57-58.

ser humano não se resume somente em comprar e vender. O lucro a todo custo e sem outras considerações e o consumismo desenfreado matam fisicamente os que não têm acesso e matam moralmente os supostamente beneficiados.”¹¹⁹

Sendo assim,

[...] não podemos celebrar a vida em uma parte do mundo enquanto ignoramos o sofrimento em outra. Nossa fé exige que estendamos nossa preocupação com nosso próximo não só aos nossos amigos, mas ao forasteiro, ao estrangeiro, com cidadania ou não. A globalização, entretanto, trouxe a visão de que nosso próximo são aqueles que estão na casa ao lado ou nossos melhores amigos e membros da família mais próximos. [...] A teologia deve ser vivida para evitar o grande prejuízo que o orgulho e a inveja ainda causam no mundo. Assim, na aldeia global, a teologia surge como uma luta contra os males que ameaçam nossas vidas. Libertar da brutalidade da pobreza deveria ser e permanecer o tema de todo discurso e prática teológica.¹²⁰

¹¹⁹ ROSSI, 2011. p. 155.

¹²⁰ Ibidem, p. 167.

3. A Via Virtuosa: práxis cristã como possibilidade de superação do consumismo

Ser cristão implica todo um projeto de vida, no qual o ser humano deve estar totalmente envolvido. Ao olharmos a realidade da sociedade de consumo e toda a práxis cristã apresentada desde a Sagrada Escritura, passando pela Tradição até o Magistério mais recente, é perceptível o abismo que há entre a realidade e aquilo que seria o ideal.

Diante disso, propomos dois possíveis caminhos que podem ajudar o indivíduo a superar essa mentalidade viciosa do consumismo e chegar a uma vivência virtuosa, como a apresentada no decorrer do capítulo 2.

Obviamente não há um único caminho possível, nem tampouco nosso objetivo é esgotar as possibilidades das ações possíveis de se chegar a uma existência mais coerente com a fé cristã.

Todavia, ainda assim, nos pareceu propício apresentar ao menos duas possibilidades de práxis cristãs, a fim de que fique visível que é possível superar uma mentalidade de consumismo apoiando-se em algumas práticas acessíveis a qualquer pessoa que desejar.

Ao olharmos para a atual situação de degradação social, com suas mais diversas consequências, fica evidente que não é possível ao cristão cruzar os braços, mas deve, sim, se esforçar por mudar os caminhos que a humanidade está trilhando, acolhendo aquilo que Deus propõe, tendo em vista uma melhor convivência.¹²¹

A realidade interpela todos os membros da grande família humana, inclusive os não cristãos, a se converterem a uma vida mais voltada ao bem de todos, que aqui apresentamos como o caminho da prática consciente do cristianismo, pois “só com corações convertidos se modificarão os ambientes onde coexistem liberdade e medo, ciência e analfabetismo, abundância e miséria, consumismo e condições sub-humanas, para aí eclodir a fraternidade.”¹²²

Esse processo de superação implica, como ressalta Bento XVI, num preparo, pois é preciso constantemente “relacionar sempre a fé com a vida. De fato, só assim

¹²¹ PAGOLA, 2014. p. 27.

¹²² JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II ao povo brasileiro por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1989 com o tema: “A comunicação social”**. n. 4.

[...] [formareis] uma consciência cristã capaz de resistir às seduções do consumismo cada vez mais insidiosas e invasivas.”¹²³

Como reforça Pagola, é preciso ter em mente que

Deus não quer deixar-nos sós diante de nossos conflitos, sofrimentos e desafios. [Mas] Quer construir conosco e do nosso lado uma vida mais humana. Temos que mudar nosso modo de pensar e agir. Temos que aprender a viver crendo nesta Boa notícia. O que Jesus chama “Reino de Deus” [...].¹²⁴

Além disso, Boff exorta que é justamente

[...] na medida em que a prática encarna a fé, [que] ela confere à mesma fé contornos bem nítidos. [...] [pois,] só quando é praticada que a verdade da fé mostra toda sua luz. [...] não existe só o movimento da fé para a prática, mas também o “retorno dialético” da prática para a fé. Ou seja: a fé ilumina a vida, mas também a vida ilumina a fé. (Evangelho <=> Vida)¹²⁵

3.1 O discernimento como possibilidade de superação do consumismo

A primeira possibilidade de ação no caminho de superação da mentalidade consumista que desejamos apresentar é o *discernimento*. Esse processo não é automático e imediato, mas implica toda a vida, pois enquanto houver a necessidade de se fazer uma escolha, haverá a obrigação de discernir a respeito dela, ponderando suas implicações e consequências para si mesmo, para o próximo e para a criação.

Diante dessa realidade destrutiva em que

O consumo se tornou a vida cultural e social em nossas sociedades; talvez mesmo a procura de um “evangelho da redenção” por meio do consumo. [...] A procura por uma vida de qualidade – que implica uma superação de uma vida de carência, sofrimento e caos – é rebaixada ao desejo pela posse de mercadorias e pelo cumprimento dos padrões de consumo que são impostos pela própria sociedade de consumo e pelo mercado.¹²⁶

¹²³ BENTO XVI. **Discurso Do Papa Bento XVI aos membros da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita "Ad Limina Apostolorum"**.

¹²⁴ PAGOLA, 2014. p. 25.

¹²⁵ BOFF, 2012. p. 182.

¹²⁶ ROSSI, 2011. p. 168-169.

Torna-se urgente que cada indivíduo se questione sinceramente: “Por que temos de continuar alimentando o consumo e a produção sem limites, gerando em nós uma espiral insaciável e infantil de necessidades supérfluas que nos esvaziam de sensibilidade humana?”¹²⁷

O cristão, ao se deparar com essa realidade evidente na sociedade, não pode se conformar com aquilo que pregam os defensores de uma mentalidade mundana, ou seja, ideias com uma lógica que desfavorece justamente os mais fragilizados e marginalizados da sociedade e produz ainda mais dificuldade e desigualdade social.

Pelo contrário, o cristão deve se esforçar por buscar formas de se transformar, renovar a própria mente, para poder discernir a vontade de Deus em sua vida, distinguir aquilo que é bom, agradável e perfeito¹²⁸, em outras palavras, aquilo que é conforme o projeto do Reino de Deus apresentado por Jesus Cristo, bem como aquilo que é contrário a esse projeto.

De fato, como afirma Francisco, “a vida cristã é uma luta permanente. Requer-se força e coragem para resistir às tentações do demônio e anunciar o Evangelho. Esta luta é magnífica, porque nos permite cantar vitória todas as vezes que o Senhor triunfa na nossa vida.”¹²⁹ E, ainda, que “sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião.”¹³⁰ Uma vida de discernimento significa uma vida em que a luz do Cristo ilumine as escolhas, dando uma verdadeira autonomia diante de uma sociedade massificada.

A esse respeito, exorta Pagola que:

Temos que dar passos eficazes para um consumo responsável, menos compulsivo e supérfluo: o que compramos? Onde compramos? Para que compramos? Temos que redefinir o bem-estar que queremos desfrutar e defender: que bem-estar? Para quem? Com que custos humanos? Com que vítimas?¹³¹

Tudo o que é consumido tem consequências que vão muito além do próprio indivíduo; por exemplo, ao consumir produtos que, para serem produzidos, foi

¹²⁷ PAGOLA, 2014. p. 65-66.

¹²⁸ Romanos 12,2. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1986.

¹²⁹ FRANCISCO. **Gaudete et Exultate**. n. 158.

¹³⁰ Ibidem, n. 167.

¹³¹ PAGOLA, op. cit., p. 72.

utilizada mão de obra escrava ou seus produtores degradaram o meio ambiente, ou, ainda, que seu descarte signifique um problema ambiental ou social.

Ante a isso, alguém poderia questionar-se, por exemplo: Por que Deus não age e modifica as intenções dos seres humanos para que eles comecem a agir de acordo com Sua vontade?

Diante de questionamentos como este é preciso ter claro que Deus, com seu poder, não obriga os seres humanos a fazer aquilo que ele deseja e propõe, mas deixa cada indivíduo livre, convidando-o a compadecer-se daqueles que mais sofrem e necessitam de auxílio¹³², e a escolher livremente os caminhos propostos por Ele, afinal, “se Deus anulasse a liberdade humana para evitar o mal [ou as escolhas contrárias ao seu projeto], eliminaria o livre-arbítrio, que faz o homem sua imagem e semelhança”¹³³, e ainda, como diz Paulo, “é para a liberdade que Cristo nos libertou”.¹³⁴

Esse processo de escolha entre as várias possibilidades não precisa ser feito de maneira solitária, mas pode ser feito com o subsídio divino sem nenhum prejuízo, pois o Senhor age sem desconsiderar a liberdade do ser humano.

Rupnik afirma a esse respeito que há “entre a pessoa humana e seu Senhor [...] uma comunicação verdadeira que, para ter a garantia da liberdade, se vale dos pensamentos e dos sentimentos do homem”¹³⁵, ou seja, Deus se utiliza do homem por completo para orientá-lo em seu caminho.

O discernimento se move na fronteira entre o psicológico e o espiritual: trata-se de entender dentro do meu mundo o que é de Deus, como ele comunica isso para mim. Assim o discernimento, de um lado, está numa esfera puramente psíquica — como observar os sentimentos, os pensamentos, as mudanças de estados de ânimo — e, do outro, abre essa realidade para a sua dimensão espiritual.¹³⁶

De fato, o discernimento “é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor [...] [pois,] leva-nos a reconhecer os meios concretos que o Senhor predispõe, no seu misterioso plano de amor, para não ficarmos apenas pelas boas

¹³² PAGOLA, 2014. p. 91.

¹³³ ESTRADA, Juan Antonio. **Da salvação a um projeto de sentido**: como entender a vida de Jesus. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 119.

¹³⁴ Gálatas 5,1. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 2036.

¹³⁵ RUPNIK, Marko Ivan. **Discernimento**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 13.

¹³⁶ Ibidem, p. 53.

intenções.”¹³⁷ Assim, o verdadeiro discernimento se configura como um ato constante¹³⁸ e consciente.

Com efeito, Deus estabelece com os seres humanos uma comunicação e, por meio dela, coopera. Mas de que maneira se dá essa assistência de Deus? Exatamente

Por meio dos pensamentos e sentimentos do próprio homem. Deus não age no homem como um ser estranho, introduzindo nele realidades que não lhe são próprias. Porque Deus é amor e porque o homem participa desse amor no Espírito Santo, é o Espírito que age como a realidade mais íntima do homem. Ou melhor, no homem o Espírito Santo age por meio do amor como sua mais autêntica identidade. A ação do Espírito Santo, exatamente por ser por meio do amor, é percebida pelo homem como sua própria verdade. Por isso, os pensamentos inspirados pelo Espírito ou os sentimentos por ele inflamados movem o homem rumo à sua realização.¹³⁹

Destacamos que se por um lado afirmamos haver pensamentos e sentimentos que provém de Deus, não podemos deixar de salientar que há, igualmente, aqueles que se originam de outras fontes, pois

[...] há pensamentos e sentimentos por meio dos quais Deus não fala, que podem até fazer com que nos extraviemos, nos confundamos ou nos iludamos. Os pensamentos e sentimentos, de fato, podem provir do mundo, do ambiente, de nós mesmos, do demônio, como também do Espírito Santo. [...] podemos ter pensamentos diferentes, todos bons, mas não podemos seguir todos eles. O problema não é somente ter pensamentos evangélicos, mas saber a qual deles dedicar a vida, qual deles seguir.¹⁴⁰

Todavia é preciso ter claro que “o discernimento não é uma autoanálise presuntuosa, uma introspecção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos”¹⁴¹ e

[...] para aprender a discernir é preciso, antes de tudo, aprender uma relação, entrar numa relação sadia [com Deus]. Sem o discernimento até as realidades mais santas podem ser ilusão e engano, até a

¹³⁷ FRANCISCO. **Gaudete et Exultate**. n. 169.

¹³⁸ RUPNIK, 2008. p. 96.

¹³⁹ Ibidem, p. 27.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 28.

¹⁴¹ FRANCISCO. op. cit., n. 175.

caridade. [...] o discernimento, apesar de manter essa abertura fundamental do homem, conduz a uma grande certeza pessoal. Então, corre-se o risco de uma espécie de autossuficiência na compreensão do que e como se deveria ser e do que se deveria fazer. Mais ainda: a partir do momento que vivemos dentro de uma cultura fortemente tecnológica, racionalista, habituada a organizar e ordenar — e, portanto, a dominar —, há o risco de que as regras do discernimento sejam tomadas como uma técnica, uma espécie de método para "entender" Deus, decifrar a sua vontade, abrindo, assim, de alguma maneira, a possibilidade da ilusão de possuí-lo.¹⁴²

Além de tudo isso, é preciso ressaltar que:

O discernimento é também a arte espiritual na qual consigo evitar o engano, a ilusão, e decifro e leio as realidades de modo verdadeiro, superando as miragens que elas possam apresentar para mim. O discernimento é a arte de falar com Deus, não falar com as tentações, nem com aquelas sobre Deus.¹⁴³

A respeito do indivíduo que se dispõe a iniciar esse salutar processo, o discernimento

[...] exige partir da predisposição para escutar: o Senhor, os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras. Somente quem está disposto a escutar é que tem a liberdade de renunciar ao seu ponto de vista parcial e insuficiente, aos seus hábitos, aos seus esquemas.¹⁴⁴

E não é de hoje que os membros da comunidade dos crentes são exortados a buscarem realizar o projeto de Deus em suas vidas, mesmo diante das muitas dificuldades que aparecem.

Sobre isso, o Concílio Vaticano II já chamava a atenção para o dever do “povo de Deus” de que

movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, [...] esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus. Porque a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do

¹⁴² RUPNIK, 2008. p. 34.

¹⁴³ Ibidem, p. 22.

¹⁴⁴ FRANCISCO. *Gaudete et Exultate*. n. 172.

homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas.¹⁴⁵

De fato, o Magistério ocupa um lugar de destaque nessa empreitada em busca dos melhores caminhos a serem percorridos. Afinal “tal atitude de escuta implica, naturalmente, obediência ao Evangelho como último critério, mas também ao Magistério que o guarda, procurando encontrar no tesouro da Igreja aquilo que pode ser mais fecundo para «o hoje» da salvação.”¹⁴⁶

Como explica Rupnik, viver em uma atitude de constante discernimento implica

[...] um estado de atenção constante a Deus, ao Espírito, é uma certeza experiencial de que Deus fala, se comunica, e que a minha atenção a ele já é minha conversão radical. E um estilo de vida que permeia tudo aquilo que sou e faço. A atitude de discernimento é viver constantemente uma relação aberta, é uma certeza de que aquilo que conta é fixar o olhar no Senhor e que eu não posso fechar o processo do meu raciocínio sem a possibilidade objetiva de que o Senhor possa se fazer ouvir — exatamente porque é livre — e que, assim, me faça mudar. A atitude de discernimento é aquela que impede a obstinação: não posso me fechar, sempre pretendendo ter razão, porque não sou eu o meu epicentro, mas o Senhor, que reconheço como a fonte da qual tudo provém e para a qual tudo conflui. A atitude do discernimento é, portanto, uma expressão orante da fé, enquanto a pessoa permanece nessa atitude de fundo de reconhecimento radical da objetividade de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, Pessoas livres, que a fé constitui.¹⁴⁷

Além do mais, é preciso ter em mente que

O discernimento não é, portanto, um cálculo, uma lógica dedutiva, uma técnica de engenharia pela qual faço habilmente o balanço de meios e fins, nem uma discussão, uma busca da maioria, mas uma oração, a ascese constante da renúncia ao próprio querer, ao próprio pensamento, elaborando-o como se dependesse totalmente de mim, mas deixando-o totalmente livre. [...] De fato, o sentimento que mais garante o processo do discernimento é a humildade. [...] [pois,] o amor sem humildade não é mais amor.¹⁴⁸

Enquanto a sociedade de consumo busca incutir em seus membros diversos desejos pelo acúmulo, bem como uma mentalidade utilitarista e, por consequência,

¹⁴⁵ CONCÍLIO Vaticano II. **Gaudium et Spes**. n. 11.

¹⁴⁶ FRANCISCO. **Gaudete et Exultate**. n. 173.

¹⁴⁷ RUPNIK, 2008. p. 31.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 31.

do descarte de tudo e todos que não servem para seu propósito, inclusive seres humanos, o processo de discernimento pode auxiliar a cada um a fazer escolhas verdadeiramente conscientes, permeando a reflexão desde sua real necessidade até suas consequências.

Como vimos no capítulo 1, há inúmeros fatores que influenciam alguém para que consuma ao máximo, entrando numa via viciosa; e o ato de não consumir significa ser colocado à margem da sociedade. Porém, ao deparar-se com tantas situações, com a ajuda de Deus, é possível optar por aquilo que realmente está de acordo com seu projeto divino para a humanidade.

Discernir implica ouvir a voz de Deus que fala aos homens por meios diversos, inclusive internamente ao ser humano. Esse processo culmina evidentemente em muitas renúncias, já que não necessariamente a vontade do indivíduo, que muitas vezes é egoísta, será a mesma inspirada pelo Senhor.

Justamente,

É preciso erradicar do homem o amor à própria vontade, que é a mãe de todos os pecados, e que se expressa com muito requinte para esconder o grotesco engano de pensar a si mesmo como Deus, de fundamentar a vida sobre ou em função de si mesmo.¹⁴⁹

Realmente há um risco de que alguém acorra ao discernimento com objetivos egoístas, e Francisco chama a atenção para o fato de que

Faz-se discernimento, não para descobrir que mais proveito podemos tirar desta vida, mas para reconhecer como podemos cumprir melhor a missão que nos foi confiada no Batismo, e isto implica estar disposto a fazer renúncias até dar tudo. Com efeito, a felicidade é paradoxal, proporcionando-nos as melhores experiências quando aceitamos aquela lógica misteriosa que não é deste mundo, mas «é a nossa lógica», como dizia São Boaventura, referindo-se à cruz. Quando uma pessoa assume esta dinâmica, não deixa anestesiar a sua consciência e abre-se generosamente ao discernimento.¹⁵⁰

Ao olharmos para o estado em que se encontra a sociedade, talvez haja a precipitação de se perder a esperança em dias melhores, porém há movimentos na sociedade que buscam, sim, lutar por melhores condições para todos, pois “cresce a

¹⁴⁹ RUPNIK, 2008. p. 45.

¹⁵⁰ FRANCISCO. *Gaudete et Exultate*. n. 174.

indignação, disparam-se alertas sobre o futuro da biosfera, buscam-se novos paradigmas. As pessoas estão se conscientizando de que o futuro do ser humano dependerá cada vez mais de suas próprias decisões”¹⁵¹.

Diante de tudo que foi dito, como alguém pode saber se realmente está trilhando um caminho que está de acordo com o projeto de Deus, sendo iluminado e instruído por Ele em suas escolhas?

[...] A resposta será fácil se fizermos a seguinte pergunta: Com tais pensamentos e sentimentos vou em direção a Deus, para uma abertura mais madura, para um amor mais realista, ou me fecho cada vez mais em mim mesmo, garanto-me sempre mais, defendo-me sempre melhor e realizo-me segundo a minha vontade?¹⁵²

Dessa forma, é possível a aqueles que desejam viver numa maior intimidade com o Criador perceber seus sinais e decidir-se livremente por quais caminhos seguir ao longo da vida, podendo superar a vida de consumo e iniciar seu caminho buscando uma via virtuosa.

3.2 O seguimento de Jesus como possibilidade de superação do consumismo

A segunda ação que desejamos apresentar é o seguimento de Jesus Cristo, como prática que produz sentido para o ser humano ao abri-lo à alteridade.

A formação de um ser humano não é algo simples e isolado. As pessoas crescem, se desenvolvem e se moldam a partir daquilo que observam nos outros indivíduos com quem têm contato e, posteriormente, com aqueles que admira, ou seja, a pessoa passa a compreender, tanto a si mesma quanto a realidade a sua volta, a partir dos outros seres humanos: pais, parentes, amigos, vizinhos, professores, ídolos, etc. Obviamente essa formação do próprio indivíduo não é algo estático, mas dinâmico, pois vai se modificando conforme cada indivíduo vai tendo novas experiências e interações pelas quais passa no decorrer da vida. Consciente desse processo, o mercado escolhe e associa justamente imagens de pessoas consideradas como bem-sucedidas, felizes ou esteticamente bonitas para representar seus bens de consumo. Dessa maneira as pessoas associam essas características aos produtos, passando a desejar consumi-los não pelo que são,

¹⁵¹ PAGOLA, 2014. p. 17.

¹⁵² RUPNIK, 2008. p. 55.

mas por aquilo que representam, na ânsia de se parecer com aquelas pessoas cujos atributos estão ali relacionados.¹⁵³

Por trás deste esquema [de comprar coisas e imitar pessoas, há] [...] a necessidade de ser estimados e valorizados pelos outros. [...] O desejo de ser como o outro, a dinâmica que leva a imitá-lo, são canalizados para o que o outro possui, em vez de orientar a pessoa a adquirir suas virtudes e atitudes, a partir de uma forma de vida semelhante à sua. Há um desvio da imitação pessoal, no qual o outro serve de referência e de inspiração para as coisas que ele, supostamente, tem. A relação interpessoal, que é a coisa mais importante, passa para o segundo plano, deslocada pela aquisição de coisas cuja posse cria a ilusão de ser como o outro. Daí surge um projeto de vida baseado na acumulação de coisas apetecidas pelos outros. [...] Por isso o modelo atual de imitação é oposto ao modelo apresentado pelo cristianismo, que põe em primeiro plano a relação pessoal e rejeita que esta seja intermediada pelos objetos e bens de consumo.

A imitação, quando é canalizada para a posse do que outro tem, degenera facilmente em competitividade e violência. Vivemos num modelo social que valoriza as pessoas pelo que elas têm, não pelo que elas são, de acordo com a conhecida diferença entre ser e ter. [...] [Nessa sociedade] Nosso grau de êxito na vida é dado pela capacidade de consumo que temos.¹⁵⁴

O cenário vislumbrado pode não ser dos melhores, mas é preciso buscar maneiras para superar tal movimento, afinal, os cristãos não devem se conformar com este mundo da maneira como está, mas transformar-se e, a partir do discernimento, agir conforme o projeto de Deus.¹⁵⁵

Diante disso, propomos o seguimento de Jesus Cristo como atitude transformadora, pela qual é possível superar uma vida de consumo adquirindo um novo sentido para a vida e abrindo-se para a dinâmica da alteridade.

Aqui, não queremos propor uma imagem utópica, mas a realidade humana como ela é, afinal “a história humana, com todas as suas tensões, exigências, desafios e contradições, é sempre o lugar do seguimento de Jesus”.¹⁵⁶

Ao observarmos tudo o que foi exposto até o momento, fica claro que o ser humano que faz parte da sociedade contemporânea,

¹⁵³ ESTRADA, 2016. p. 296.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 297.

¹⁵⁵ Romanos 12,2. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1986.

¹⁵⁶ COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus**: a cristologia ao alcance de todos. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 205.

[...] busca a felicidade plena baseada no hedonismo e, por conseguinte, no consumismo. [...] Esta busca interminável pela felicidade fundamentada no consumismo converte o ser humano em alguém cheio da necessidade compulsiva de consumir, alguém que busca produtos casa vez mais estimulantes, novos e finos.¹⁵⁷

Todavia, não podemos nos esquivar do fato de que, no fundo,

Todos nós queremos ser felizes e procuramos um projeto pessoal com o qual realizar-nos. Queremos que a vida valha a pena. Perguntamos se o que vivemos e fazemos corresponde aos nossos desejos e necessidades mais profundos. Procuramos um projeto de sentido com o qual identificar-nos e temos necessidades espirituais às quais precisamos responder. O significado que damos ao nosso plano de vida, àquilo a que damos importância, são diferentes formulações do que chamamos de sentido.¹⁵⁸

Essa busca por um sentido para a própria existência faz parte dos seres humanos, independentemente da idade ou condição social, porém a forma como ela é desenvolvida pode variar muito. Podemos verificar, por exemplo, que há aquelas pessoas que optam por compreender “o sentido da vida como ter muitas coisas, desfrutar e gozar delas”¹⁵⁹. Para essas pessoas

O consumismo é o segredo de uma vida realizada mediante a aquisição de objetos. Uma pessoa supostamente feliz tem o que ela deseja. Existe uma multiplicação incessante de necessidades consumistas porque o nível de vida sobe e sempre há pessoas que têm mais. Daí a importância da aparência social, a segurança e confiança que dá o ter coisas, a vinculação da autoestima e respeito de si mesmo com a posse de bens. Possuir faz com que os outros me aceitem e, se possível, me invejem. O homem do ter baseia sua segurança e identidade materialmente e procura ajustar sua identidade à imagem social que lhe diz como é uma pessoa bem-sucedida. [...] Esta canalização da ânsia de felicidade para os bens de consumo degrada a pessoa, que vale enquanto tem.¹⁶⁰

Essa sociedade de consumo tem seu Norte na posse e no desfrute dos bens adquiridos. Esse processo traz consigo, como consequência, as diversas frustrações inerentes à posse daquilo que se deseja, pois quando adquire o bem que desejava se percebe que sua posse não produz o efeito de realização desejado. Além disso,

¹⁵⁷ ROSSI, 2011. p. 176-177.

¹⁵⁸ ESTRADA, 2016. p. 293.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 298.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 298.

“nas últimas décadas sacralizou-se a sociedade de bens, fazendo do dinheiro a chave da vida”.¹⁶¹ Criando a ilusão de que tudo pode ser adquirido, desde que se tenham muitos recursos financeiros.

Quando examinamos as religiões dentro dessa realidade consumista, percebemos que a relação das pessoas, que antes era reverente e sacra, se perdeu, pois até

O anseio de Deus, que as religiões apresentam como eixo constitutivo da existência, dá lugar ao significado salvador do dinheiro, do qual se espera a realização plena. A antítese evangélica entre Deus e as riquezas, que é nuclear no projeto de Jesus, adquire significado numa sociedade na qual o dinheiro se apresenta como a mediação universal para alcançar a felicidade. Assim se legitima o sistema capitalista de mercado, que adquire traços religiosos. [...] O religioso é substituído pelo econômico, as igrejas pelos centros comerciais e as marcas dos produtos são os novos ícones sagrados, cuja posse promete felicidade e bem-estar.¹⁶²

Todo o processo culminou em uma sociedade em que quanto mais se tem bens e poder aquisitivo, mais bem visto se é, e “renunciar e resignar-se a um estilo sóbrio de vida material não é bem-visto na sociedade. É preciso possuir muitas coisas para desfrutar, e não importa como foram adquiridas”¹⁶³, ou seja, perde-se a perspectiva ética da própria vida, objetivando unicamente a si próprio, se fechando numa vivência egoísta.

O projeto do Reino de Deus apresentado por Jesus “incita a uma forma nova de comportamento, que abre um novo horizonte de sentido”¹⁶⁴, já que “o seguimento de Jesus passa pela preocupação com as necessidades dos outros, sobretudo as necessidades primárias que dizem respeito à sobrevivência”¹⁶⁵, ou seja, induz aquele que o segue a abrir-se para os demais membros da família humana.

Optar por seguir os mesmos passos de Jesus significa firmar um compromisso com Deus. Tal

[...] compromisso com o Deus da Bíblia nos liberta da suposição de que a vida encontra seu significado na riqueza e no consumo. Assim, vemos a busca por bens materiais como ela realmente é: uma

¹⁶¹ ESTRADA, 2016. p. 301.

¹⁶² Ibidem, p. 302.

¹⁶³ Ibidem, p. 300.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 101.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 114.

terrível forma de idolatria que destrói nossa vida espiritual, a comunidade humana e mesmo a natureza.¹⁶⁶

Ao analisarmos os ensinamentos de Jesus, fica claro que ele “questiona não só a práxis individual, mas também as estruturas dominantes na sociedade”¹⁶⁷ tanto de seu tempo quanto de hoje. Todavia, apenas estudar os textos bíblicos não é suficiente para configurar-se como um verdadeiro adepto do projeto que ele apresenta, afinal “o discipulado cristão se faz no caminho, como seguimento, não [apenas] na escola, como estudo”¹⁶⁸ ou movimento puramente intelectual. É dessa maneira que se reconhece uma “‘ortopráxis’, ou seja, o conteúdo certo e seguro da ação, fruto da inspiração e do compromisso cristão, que podem e devem ser veiculados pela prática pastoral dos que procuram seguir Jesus pelas estradas da vida.”¹⁶⁹

Dar passos de acordo com “a práxis de Jesus, mais do que um projeto teológico ou um sistema de crenças, possibilitava uma revelação de sentido e uma oferta de salvação”¹⁷⁰ que se apresenta aos seres humanos, pois “no seguimento de Jesus é que nós, verdadeiramente, podemos descobrir quem é Jesus Cristo (cristologia) e o que ele significa para a nossa vida (soteriologia).”¹⁷¹

Se por um lado, a sociedade, com seu incentivo ao egoísmo e fechamento, busca barrar o projeto libertador de Deus para a humanidade, por outro,

[...] é verdade que, quando se têm satisfeitas as necessidades materiais primárias e secundárias, e muitas vezes as terciárias, pode surgir a saturação com os objetos de consumo, que são mais do mesmo. [...] Experimenta-se que as demandas de felicidade, sentido e satisfação na vida vão além do material. [...] Ao lutar por obter satisfações materiais conserva-se a esperança de que, quando as conseguirmos, seremos felizes. Depois experimentamos a desilusão precisamente ao consegui-las, porque não valia a pena o esforço feito e a posse não produz a felicidade que elas prometiam.

Por isso, a satisfação das necessidades materiais possibilita o surgimento de outras espirituais, nas quais experimentamos que “o homem não vive só de pão”. [...] Não é possível ignorar o progresso, mas é necessário captar suas limitações e carências. Há um vazio de

¹⁶⁶ ROSSI, 2011. p. 185.

¹⁶⁷ ESTRADA, 2016. p. 107.

¹⁶⁸ BOFF, 2012. p. 168.

¹⁶⁹ COSTA, 2011. p. 201.

¹⁷⁰ ESTRADA, op. cit., p. 96.

¹⁷¹ COSTA, op. cit., p. 202.

sentido que está vinculado a necessidades humanas espirituais não realizadas.¹⁷²

Essa frustração pode ser justamente o ponto de mudança de vida que todo indivíduo é convidado a fazer e, aqui, defendemos como sendo o seguimento de Jesus Cristo.

Se os bens de consumo não são suficientes para garantir uma felicidade duradoura, dentro de um projeto de sentido sólido para a vida, em Deus se encontra o oposto, que supera, inclusive, as limitações desta existência passageira.

Nas Sagradas Escrituras,

O seguimento de Jesus ocupa o lugar central nos evangelhos (79 vezes e 11 no restante do NT). A característica do discipulado é seguir a Jesus. [...] Existe uma comunhão de vida, de missão e de destino entre Jesus e os seus. Exige-se uma decisão e um compromisso anteposto aos vínculos familiares (Mt 8,21-22; Lc 9,61-62), às riquezas (Mt 19,21; Lc 18,22) e à própria vida (Lc 24,23-35; Mt 10,37-38). A radicalidade de Jesus se traduz num projeto de vida que chama a despojar-se de tudo o que impeça a liberdade e o crescimento.¹⁷³

Diante do Senhor, todo aquele que se dispõe a segui-lo tem a possibilidade de se autoconhecer, olhando para suas limitações e pontos que precisa melhorar, tendo em vista que

[...] ao se fazer a descoberta da verdadeira identidade de Jesus, faz-se, também, a experiência da descoberta da verdadeira identidade do ser humano e do verdadeiro sentido de sua vida. Em Jesus, fazemos a pergunta sobre nós mesmos e, com Jesus, percorrendo o seu caminho, encontramos a resposta para a pergunta de sempre: de onde viemos e para onde vamos? [...] Na realidade, a descoberta que se faz da pessoa humana a partir do conhecimento aprofundado da pessoa de Jesus Cristo é resultado da dinâmica da inteligência da própria fé que busca a unidade da relação entre o divino e o humano.¹⁷⁴

Como destaca Estrada, o projeto do “seguimento se choca com o modelo de homem oferecido pela sociedade”¹⁷⁵, pois o caminho do seguimento “não se tratará

¹⁷² ESTRADA, 2016. p. 304.

¹⁷³ Ibidem, p. 311.

¹⁷⁴ COSTA, 2011. p. 196.

¹⁷⁵ ESTRADA, op. cit., p. 312.

apenas de crer no que Jesus diz, mas de deixar-se levar com Ele e segui-lo numa sociedade conflituosa, que Ele quer mudar em favor dos mais vulneráveis”.¹⁷⁶

Dessa forma, a relação de Jesus com seus seguidores não pode ser algo estático e preso num momento histórico específico.

A relação viva de Jesus com a comunidade cristã, situada em cada contexto histórico, dará o conteúdo dinâmico e sempre atualizado para o seu seguimento. Seguir Jesus é viver, sob o dinamismo de seu Espírito, a realidade pessoal e comunitária da experiência de fé que faz e refaz a sua memória. [...] A “memória de Jesus” não é uma simples lembrança do passado, mas o processo pelo qual o confronto que se faz da história atual com a história de Jesus permite que os membros da comunidade cristã façam a mesma experiência de seguimento realizada e vivida pelos apóstolos.¹⁷⁷

Evidentemente que o projeto de Jesus não implica em uma vivência sem sofrimentos. “A felicidade e uma vida de sentido não evitam que alguém tenha dificuldades e problemas (Mt 5,12; 10,22), mas permitem saber viver com eles a partir de um processo de abertura”¹⁷⁸ que inclui Deus e o próximo, dado que “relativiza os bens materiais, sublinha a importância das relações pessoais e chama a uma identificação afetiva e emocional que não fecha a pessoa em si mesma, mas a abre aos outros e às suas necessidades.”¹⁷⁹

Ao falarmos do projeto de vida, que dá ao homem um sentido para sua existência, não podemos deixar de destacar justamente a alteridade, como parte intrínseca, pois Jesus destaca como o maior dos mandamentos o amor a Deus e ao próximo¹⁸⁰. Diante disso “não podemos dizer que cremos em Deus a não ser por amor, a única força que após o pecado é capaz de desprender o ser humano de si mesmo e orientá-lo radicalmente ao outro.”¹⁸¹

De fato, não é possível continuar a agir da mesma maneira quando se escolhe seguir Jesus e seus ensinamentos, porém

A mudança [de vida] não acontece por uma ideologia à qual aderimos, mas por uma sensibilização a partir de uma experiência compartilhada. Por isso existem pessoas que resistem à mudança.

¹⁷⁶ ESTRADA, 2016. p. 311-312.

¹⁷⁷ COSTA, 2011. p. 203.

¹⁷⁸ ESTRADA, op. cit., p. 112.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 309.

¹⁸⁰ Mateus 22,37-38. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1744.

¹⁸¹ RUPNIK, 2008. p. 19.

Embora lhe sejam apresentados argumentos conclusivos, elas os rejeitam porque não tiveram as experiências que tornam possível pôr-se na pele do outro e ter empatia. [...] Jesus procura levar as pessoas a crer em sua mensagem, porque ela produz crescimento pessoal e alegria vital, porque fecunda e situa o plano de vida (Mt 7,24-27; 19,29-30). Não se deve sacrificar o homem a uma vontade divina alheia a ele, sacrificando-o, mas Deus oferece um caminho para viver com plenitude (Mt 6,24.33; 7,13-14). O sacrificar-se pelos outros está no cerne de sua mensagem: quem vive aberto para os outros, vive para Deus. O dom de Deus inspira e motiva a pessoa, para que se assemelhe a Ele e aprenda a dar-se aos outros. [...] A dinâmica egocêntrica leva a acumular e possuir, para assim resistir à insegurança da vida, no contexto da competitividade social e da necessidade de defender-se das exigências dos outros.¹⁸²

Deus, com seu convite, não força as pessoas, mas dá o exemplo, já que é justamente

[...] a ação simpática de Deus [que] provoca uma resposta nas pessoas. Elas mesmas saem de seu estado de letargia e se abrem em solidariedade para o mundo das outras pessoas. Quebra-se, portanto, também a possibilidade do individualismo e da apatia no convívio humano.¹⁸³

Portanto, “quanto mais próximos dos homens, mais próximos estamos de Deus”¹⁸⁴, evidenciando que “a força que move o mundo e o ser humano é o amor, e não o dinheiro ou o poder. [...] A religião pode potencializar o melhor e o pior de cada pessoa, uma vez que a referência a Deus transforma a vida humana, para o bem ou para o mal.”¹⁸⁵

O seguimento do Cristo sinaliza que “o bem, ao qual todos somos chamados, e a felicidade, a que aspiramos, não se podem obter sem o esforço e a aplicação de todos, sem exceção, o que implica a renúncia ao próprio egoísmo.”¹⁸⁶

[Jesus traz] Um novo paradigma para humanizar a vida. Um marco para construir um mundo mais digno, justo e feliz, a partir da confiança e da responsabilidade. Podemos dizer que Jesus irrompe na história como um chamado a viver de maneira alternativa experimentando Deus, mistério último da vida, como uma força que está nos atraindo para um mundo mais humano e feliz.¹⁸⁷

¹⁸² ESTRADA, 2016. p. 113.

¹⁸³ ROSSI, 2011. p. 148.

¹⁸⁴ ESTRADA, op. cit., p. 325-326.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 125.

¹⁸⁶ JOÃO PAULO II. **Sollicitudo rei socialis**. n. 26.

¹⁸⁷ PAGOLA, 2014. p. 23-24.

Como contraponto a tudo que a sociedade de consumo prega, o projeto de Deus se estabelece como entrega, abertura, gratuidade. Se para o mundo globalizado e contemporâneo, nada é sólido, para aquele que segue Jesus

O paradoxo do evangelho é sempre o mesmo: é preciso morrer para si, para reencontrar-se consigo mesmo, porque o caminho mais curto para a felicidade é a entrega aos outros (Jo 12,24-25). Produzir sentido na vida dos outros, à imagem e semelhança de Deus, faz com que a vida seja vivida em plenitude.¹⁸⁸

O grande projeto de sentido do Reino de Deus, apresentado pelo Cristo “produz unificação e clareza pessoal, a partir de uma relação harmoniosa consigo mesmo, com os outros e com Deus, relação que não esconde a finitude e contingência próprias”¹⁸⁹, mas abrange todas as áreas da vida daquele que atende ao chamado feito por Deus.

O seguimento de Jesus mostra que “contra a personalidade marcada pelo ter, incapaz de arriscar-se, é preciso renunciar a possuir o outro, respeitando e alentando sua autonomia e crescimento.”¹⁹⁰

Diante de tudo isso, é possível compreender que os valores inerentes ao seguimento de Jesus podem auxiliar os indivíduos que se encontram presos no círculo vicioso do consumismo a se libertarem, transformando suas vidas a partir das mudanças que implicam o seguimento daquele que se apresenta justamente como “o Caminho, a Verdade e a Vida.”¹⁹¹

¹⁸⁸ ESTRADA, 2016. p. 127.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 130.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 321.

¹⁹¹ João 14,6. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1879.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade de consumo está presente na maioria dos países, e influencia a vida de milhões de pessoas, para o bem ou para o mal. Seja envolvendo e incentivando alguns a adquirirem mais bens de consumo, ou obrigando outros a conviverem com as grandes mudanças climáticas e desastres ambientais provocados pelo desequilíbrio do planeta.

Discutir o consumismo e dar uma contribuição ao tema por parte da teologia é de fundamental importância, pois a maioria dos habitantes da Terra afirma ter alguma religião e, em particular, o cristianismo figura como uma das maiores vertentes.

Ao analisarmos a atuação de Deus, verificamos que ela implica em uma ação libertadora. Seus caminhos sempre vão guiar o ser humano que se encontra imerso nessa realidade de morte (do consumismo), como em um círculo vicioso, e propõe uma via virtuosa que culmina na plena liberdade apresentada por Jesus Cristo para todo ser humano que livremente escolhe-la.

Não tivemos aqui a pretensão de esgotar o tema ou seus subtemas correlatos. Ao contrário, nosso objetivo foi, a partir de uma reflexão teológica, lançar algumas luzes ao problema que reconhecemos ser tão complexo quanto atual.

Desejamos destacar que, ao longo da pesquisa, percebemos que começam a se desenvolver movimentações no seio da sociedade que questionam de maneira séria toda essa estrutura que foi criada e que promove uma vivência insustentável, como é o caso do Capitalismo Consciente ou da Economia Colaborativa que, apesar de serem movimentos tímidos, já começam a demonstrar que são viáveis e podem intercambiar-se com a pesquisa à luz da fé cristã.

Diante de tudo que pesquisamos, percebemos que ainda há um vasto campo para ser trabalhado e aprofundado, posteriormente, em futuros projetos.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENTO XVI. **Caritas in Veritate.** Disponível em: <w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>.

Acesso em: 6 maio 2018.

BENTO XVI. **Discurso Do Papa Bento XVI aos membros da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita "Ad Limina Apostolorum".** Disponível em: <w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070615_ad-limina-slovakia.html>. Acesso em: 6 maio. 2018.

BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI aos oito novos embaixadores junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais.** Disponível em: <w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20091217_ambassadors.html>. Acesso em: 6 maio 2018.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico.** 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A.; HANSEN, João H. **Patrística: caminhos da tradição cristã.** São Paulo: Paulus, 2008.

BRAVO, Restituto Sierra. **Doctrina Social y Economica de los Padres de La Iglesia.** Madri: COMPI, [s.d.].

CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II. **Dei Verbum.** Disponível em: <www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 14 maio 2018.

CONCÍLIO Vaticano II. **Gaudium et Spes.** Disponível em: <www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

CONTE, Marta et. Al. Consumismo, Uso de Drogas e Criminalidade: riscos e responsabilidades. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, São Leopoldo, n. 27. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pcp/v27n1/v27n1a08>. Acesso em: 9 ago. 2016.

COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950**. 2017. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Programa de Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior De Propaganda e Marketing. São Paulo: 2017.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **O American way of life e a ideia de homem médio norte-americano: a mediação através do traço de Norman Rockwell e das lentes de Frank Capra**. COMUNICON2014. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_CUNHA.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2018.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **O cinema musical norte-americano: história, gênero e estratégias da indústria do entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2012.

ESTRADA, Juan Antonio. **Da salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2016.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco na abertura do Congresso Pastoral da Diocese de Roma**. Disponível em: <w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170619_convegno-ecclesiale-diocesano.pdf>. Acesso em: 6 maio 2018.

FRANCISCO. **Gaudete et Exultate**. Disponível em: <w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em: 1 jun. 2018.

FRANCISCO. **Laudato Si'**. Disponível em: <w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 6 maio 2018.

GOURGUES, Michel. **Atos 1-12: missão e comunidade**. São Paulo: Paulinas, 1990.

HAHN, Scott; MICH, Curtis; WALTERS, Dennis. **O evangelho de São Mateus: cadernos de estudo bíblico**. Campinas: Ecclesiae, 2014.

HAHN, Scott; MICH, Curtis; WALTERS, Dennis. **O livro do Gênesis: cadernos de estudo bíblico**. Campinas: Ecclesiae, 2015.

HIMES, Kenneth R. Consumerism and Christian Ethics. **Theological Studies**, n. 68, 2007. Disponível em: <<http://cdn.theologicalstudies.net/68/68.1/68.1.7.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2018.

JOÃO Paulo II. **Centesimus Annus**. Disponível em: <w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>.

Acesso em: 6 maio 2018.

JOÃO Paulo II. **Mensagem do Papa João Paulo II ao povo brasileiro por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1989 com o tema: “A comunicação social”**.

Disponível em: <w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1989/documents/hf_jp-ii_mes_19890209_brasile.html>. Acesso em: 6 maio 2018.

JOÃO Paulo II. **Sollicitudo rei socialis**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em: 30 mar. 2017.

MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

O QUE é consumo? Congresso internacional de comunicação e consumo. Disponível em: <www2.espm.br/sites/default/files/pagina/ementa_comunicon_2014.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus e o dinheiro: uma leitura profética da crise**. Petrópolis: Vozes, 2014.

RAVASI, Gianfranco. **El libro del Génesis (1-11)**. Barcelona: Editorial Herder, 1992.

ROBERTI, Francesco. **Diccionario de teologia moral**. Barcelona: Editorial Liturgica Española, 1960.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's: teologia e sociedade de consumo**. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2011.

RUPNIK, Marko Ivan. **Discernimento**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANDRONI, Paulo (org.). **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1999.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes consumistas: do consumismo à compulsão por compras**. São Paulo: Principium Editorial, 2014.

SILVA, Lorena Bandeira da. Sobre o Consumo e o Consumismo: a consumação do vazio. **Revista Logos e Existência**, João Pessoa, n. 1. 2012. Disponível em: <www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/le/article/view/13270>. Acesso em: 9 ago. 2016.

TASCHNER, Gisela. Raízes da cultura do consumo. **Revista USP**, São Paulo, n. 32. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26029>>. Acesso em: 19 fev. 2017.